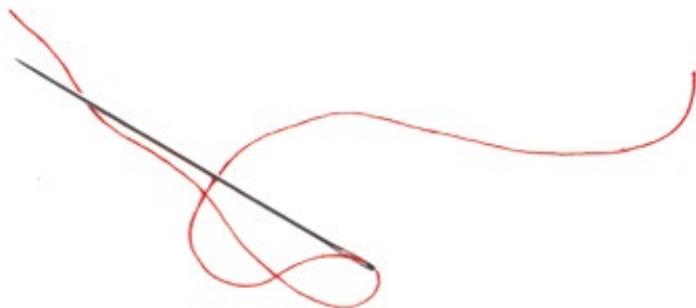
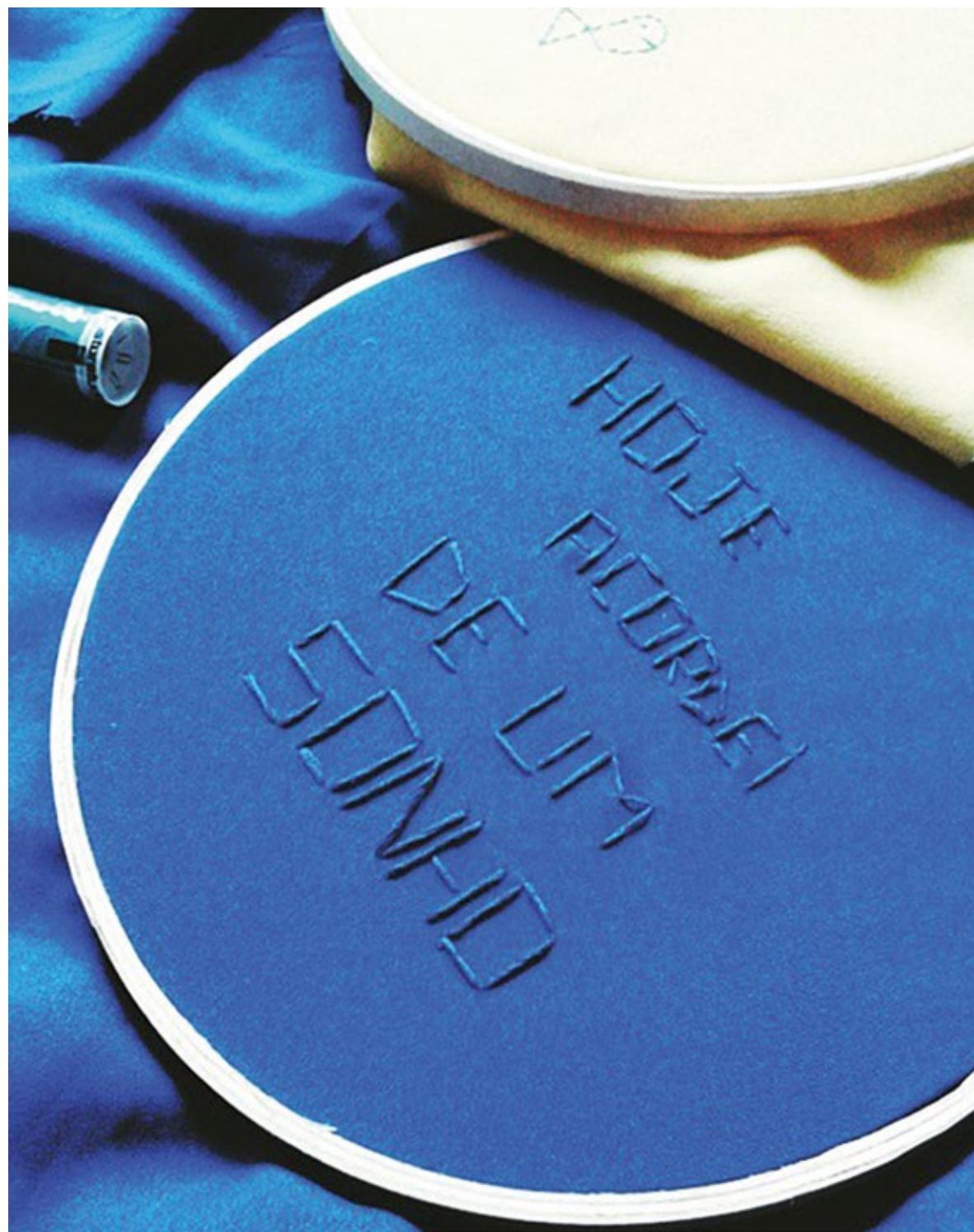


VIVIR

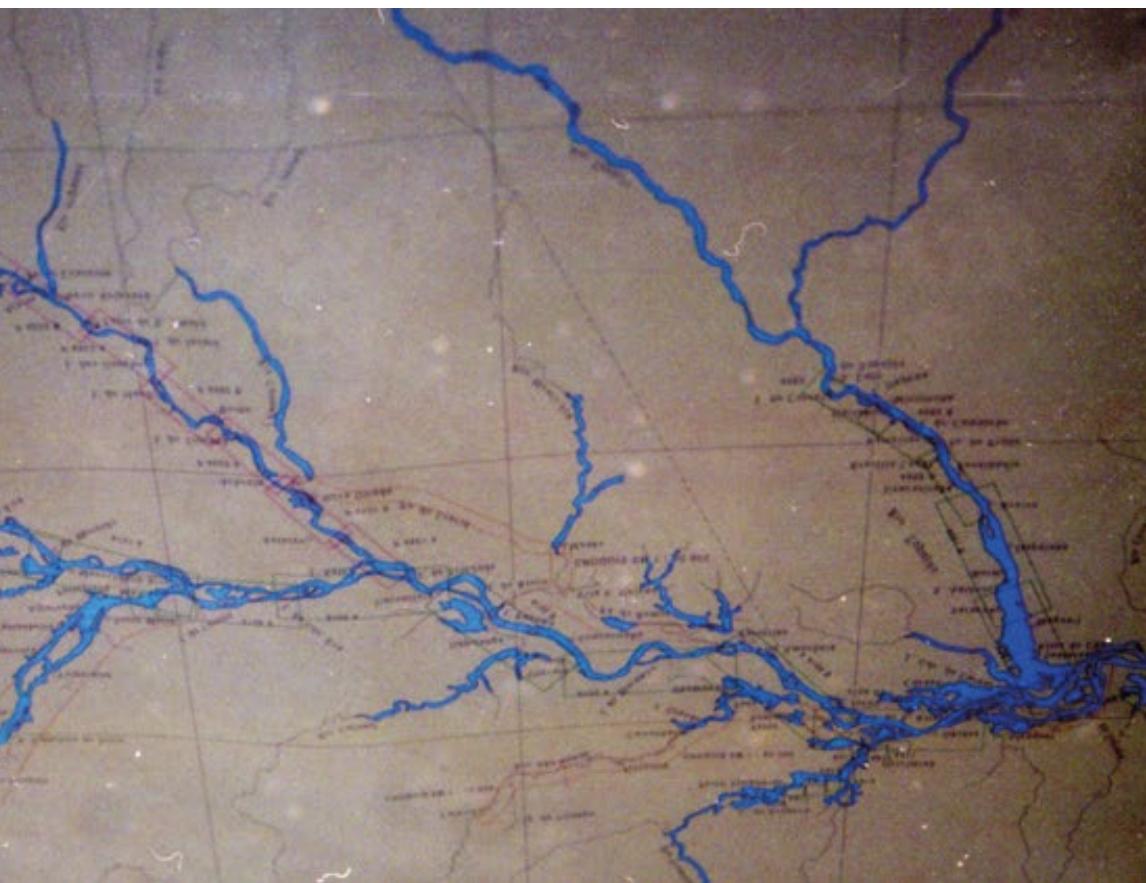
OU

NARRAR









viver ou narrar

publicação do projeto **Fotoativa em Residência: dois de cá, dois de lá**

Viver ou narrar : publicação do projeto Fotoativa em Residência: dois de cá, dois de lá /
organização Camila Fialho e José Viana.

– Belém : Associação Fotoativa, 2015. 144 p. : il.

ISBN 978-85-69711-00-1

1. Artes - Pará. 2. Arte moderna - Séc. XXI. I. Fotoativa em Residência: dois
de cá, dois de lá. II. Associação Fotoativa.

CDD – 700.98115

pesquisa poética

Débora Flor
Malu Teodoro
Randolpho Lamonier
Wellington Romário

textos

Adrielle Silva da Silva
Armando Queiroz & Alexandre Sequeira
Cláudia Leão

organização

Camila Fialho e José Viana

Associação Fotoativa

Singular e atenta aos paradigmas emergentes, a Fotoativa é uma entidade sem fins lucrativos, de utilidade pública municipal e estadual, voltada a ações culturais e educativas a partir da fotografia e de suas múltiplas possibilidades de articulação com outras práticas e linguagens.

Desde 1984, desenvolve projetos coletivos nas áreas de arte, educação, memória e patrimônio, com base em processos que interligam pensamento, ação e reflexão continuados.

Ao longo de seus 31 anos de história, agregou um contingente significativo de pessoas de diferentes segmentos e faixas etárias, que passaram a constituir um grupo plural e participativo, em seus diversos campos de atuação.



Sobre esta publicação

Como dar forma a processos vivencias e coletivos imbricados em uma residência de caráter imersivo, onde muito se discutiu sobre a diluição do eu, do artista, da autoria, bem como da linguagem, das poéticas e práticas? Esta publicação é um corpo transbordante que tenta dar conta dessa experiência, entre o documento que registra, suas formas e metodologias, e o poético, alimentado pelas pesquisas de cada artista residente, ou atuante na Fotoativa. Sua estrutura, portanto, abarca quatro lugares de fala distintos e complementares.

A voz narradora que esquematiza o processo da residência. Os relatos reflexivos e impressões daqueles que fizeram parte de alguma das atividades abertas. As vozes de cada artista que na palavra encontram lugar para resonar questões, compartilhar momentos, leituras e enunciação poéticas, a partir de trechos captados das redes sociais, troca de e-mails, pequenos livretos e diários. Por fim, textos que traçam reflexões sobre as viagens como processos artísticos, sobre os quatro artistas e a exposição “Um tanto de nós” e um caderno de notas sobre o educativo do projeto.

Fotoativa em Residência: *dois de cá, dois de lá* nasce de um desejo da Fotoativa de ter em seu quadro de possibilidades um lugar para se estar junto de modo mais prolongado, um nicho de atravessamentos para se experimentar, errar, acertar, aprender e se contaminar. A residência veio firmar esse espaço de encontros e trocas em uma imersão de convívio, tecendo ao longo de dois meses e duas semanas um tempo de entrega para si mesmo e para o outro, tendo a fotografia como lugar de partilha entre práticas, modos de fazer e diferentes linguagens.

Dois de cá, os anfitriões, para acolher os que chegam, apresentar a região e abrir caminhos. Dois de lá, para somar com o seu olhar estrangeiro, estranho para quem vê de dentro, e despertar outras formas de perceber aquilo que já parece tão cotidiano e corriqueiro.

Quatro artistas e muitas pessoas. A ideia da residência era construir um lugar de possibilidades que conjugasse todos os braços de atuação da Fotoativa, em um projeto de responsabilidade compartilhada com base na experimentação artística entre a comunicação, a formação e a pesquisa. E além do corpo Fotoativa, tinha a expectativa de agregar outras pessoas da cidade nesse mergulho coletivo.

Nesse sentido, a construção da agenda de atividades foi pensada a partir de momentos de interação entre os residentes, convidados, equipe de gestão do projeto e públicos. A fim de colocá-los em contato com a cidade e outros artistas, foram planejadas duas mesas de abertura de processo. A seguir, a proposta era que cada residente oferecesse uma atividade de troca aberta ao público. Com o objetivo de instigar atravessamentos, cinco artistas foram convidados para desenvolver atividades de acordo com suas próprias pesquisas poéticas e linguagens. E no intuito de garantir um diálogo mais direcionado e reflexivo, Alexandre Sequeira e Armando Queiroz, membros do Conselho Curador da Fotoativa, foram chamados para acompanhar os artistas ao longo do percurso.

Foi lançado o edital. E para seleção dentre os 85 inscritos, não se tratava apenas de identificar a excelência dos portfólios e das intenções de trabalho, era preciso entender como quatro pessoas juntas poderiam potencializar o desenvolvimento de suas investigações, a partir de pesquisas e modos de criação diversos, além de contribuir com a cena local. Foi como montar um quebra-cabeça de suposições, entre linguagens, poéticas, lugares e diálogos. A escolha do júri, formado pelos dois membros do Conselho, mais Camila Fialho e José Viana, acabou por apontar para a abertura das motivações de trabalho e para a incerteza dos resultados, tendo como base uma bagagem de caminhos já explorados. Depois das entrevistas – virtual e presencial – finalmente se chegou ao nome dos quatro: Débora Flor (Belém/PA), Malu Teodoro (Porto Velho/RO), Randolph Lamonier (Coronel Fabriciano/MG) e Wellington Romário (Belém/PA).

Então, dia 06 de abril de 2015 foi quando tudo começou.

linha do equador



transamazônica

há cinco meses saí de são paulo. em quatro meses, vivi tanta coisa na bahia, me limpei, acalmei, decantei, percebi qual caminho eu realmente gostaria de seguir. passar a ter mais consciência das escolhas. e assim vem sendo. senti que precisava voltar para o norte, região onde nasci, cresci e quando pude, fugi. hoje mergulho nessa pesquisa que é entender onde e como o norte existe dentro de mim. um resgate às origens. nesse caminho e nessa busca, me candidatei pra residência artística dois de cá, dois de lá, oferecida pela Associação Fotoativa, e fico muito feliz com o suporte que tenho recebido para desenvolver tal pesquisa! essa semana cheguei ao pará e tem sido um tsunami (ou uma pororoca) de emoções calorosas e calorentas. é mais ou menos sobre isso que vou falar na mesa "poesia e olhar devagar", que divido com Débora Flor, residente daqui de belém, e Marcílio Costa. é hoje, logo mais! m.t. 7 de abril



aberturas de processo

logo mais à noitinha, estaremos reunidos no exercício do compartilhar a fala, a gagueira, os legos dos processos de trabalhos e talvez do desejo. fico bem feliz de estar junto com nando lima que super provoca e acrescenta com seu trabalho em mi vida, e com randolpho que tá sendo bom começar a conhecer -- e -- viver trocar. apareçam gente, se houver desejo, está tudo sendo movimentado com carinho, é no casarão da fotoativa, na praça das mercês às 19h, beijem w.r. 9 de abril

Para começar, o Começo - apresentações

Na primeira semana da Residência, foram organizadas duas mesas de abertura de processos artísticos e discussões sobre poéticas. A ideia era instaurar um campo de diálogo com outras pessoas, apresentar os residentes, colocá-los em contato com outros artistas, com o público e com a cidade.

Sem palco nem microfone, os encontros reuniram pessoas para um bate-papo informal sobre os trabalhos e as pesquisas desenvolvidas até então pelos recém-chegados e suas motivações do agora.

7 de abril

Poesia e Olhar Devagar foi conduzida por Débora Flor e Malu Teodoro que receberam o poeta e artista visual Marcílio Costa para uma conversa, projeções, leituras de textos e poemas sonoros e visuais.

9 de abril

Derivas e Encontros Performativos concentrou as falas de Randolph Lamonier e Wellington Romário que discorreram sobre seus percursos de experimentação por trajetos de afeto e pelo deslizar de corpos que performam pela vida. Ao final, foram homenageados pelo artista visual, diretor teatral e performer Nando Lima, com um pocket de edição sonora e visual realizado ao vivo.



foi ontem, foi lindo. me permiti falar sem saber pra onde ir. e o casarão da fotoativa em reforma e a roda fortaleceram a informalidade e a conversa horizontal. gracias a todos os presentes, a todos os que estão perto nesse processo, aos que estão me apresentando os tesouros da cidade. conhecer o mercado de açaí à noite, com os barcos que vêm de longe trazendo as delícias dos cheiros fortes, o rio marrom com a borda iluminada pela luz artificial dos botecos e o infinito horizonte que se perde na escuridão. a névoa branca que paira na noite e embaça os sentidos e as percepções dos surrealismos do norte. m.t. 8 de abril

atividades com convidados

Desbravamentos

sobre incursões pelo território visível, invisível de Belém e arredores

Como parte do programa de Residência, estava previsto levar os artistas para conhecer e experimentar Belém e seus arredores por caminhos outros que oferecessem campos de experimentação novos também para os dois de cá. Tais deslocamentos também seriam atravessados por linguagens e possibilidades distintas: a música, a fotografia, a viagem e a deriva pelas águas da Baía do Guajará. Assim, foram convidadas Cláudia Leão, Paula Sampaio, Véronique Isabelle e a dupla Waldo Squash e Marcos Maderito para compartilhar suas experiências e desenvolver atividades junto dos quatro residentes.

16 de abril

sobre o Technobrega - Barcarena

A primeira atividade aconteceu com a dupla Waldo Squash e Marcos Maderito, integrantes da Gang do Eletro, grupo de technobrega da cena local.

Pela manhã, desde o porto do Ver-o-Peso, Malu, Randolph e Romário, acompanhados de Rodrigo José, se deslocaram de barco até Barcarena, onde foram recepcionados pela dupla que os levou para conhecer a cidade e um pouco do seu universo de criação sonora.

Ao longo da manhã, no estúdio improvisado em um dos quartos da casa de Waldo em meio à natureza, os residentes acompanharam a produção de uma música, criada a partir de encomendas das Equipes, grupo de amigos que gravam seus *hits* para tocar em festas de aparelhagem.





atividade com convidados

18 de abril, Bairro da Campina, Belém

Fotografias Imaginárias com Paula Sampaio

A segunda atividade foi desenvolvida por Paula Sampaio, artista e fotojornalista atuante na cidade. Sua proposta foi uma vivência para composição de fotografias imaginárias e, além dos residentes, contou com a participação de alguns sócios da Fotoativa.



No sábado pela manhã, em pequeno grupo, nos reunimos na Kamara Kó, sede do Ateliê Compartilho, para uma Vivência de Fotografia e Imaginação, com Paula Sampaio. Sua proposta era estimular os participantes a usarem a mente como "base de captura" de imagens.

Deram-se as apresentações. Todos estávamos atentos para aquilo que cada um nós traz em si de mais particular para olhar o mundo. A seguir, Paula propôs uma experiência sensorial através do tato. Vendamos nossos olhos para ver melhor. O exercício aguçou os outros sentidos. Ver com as mãos e perceber que o olhar se faz com o corpo inteiro.

O curta-metragem de animação Line Dance, de Alex Reuben, trouxe uma nova camada de percepção. Despertou o sentir do corpo que se movimenta no espaço ao ritmo de Negrume da noite, na voz de Virgínia Rodrigues, estimulando outra vez o olhar na simplicidade de linhas e cores básicas. E do filme, passamos à customização de câmeras fotográficas de papel – um pequeno retângulo de cartolina preta, cola, tesoura, papéis artesanais, fitas, folhas secas, escapulários, sisal e outras imagens.

Sob o comando de primeiro "filmar" e depois "fazer" uma única foto, em silêncio – para se ver com os ouvidos –, saímos para a rua. O olhar limitado pelo pequeno retângulo desenhou a breve caminhada de um quarteirão. Numa primeira passada, "filmamos" a rua, escrutinhamos cada milímetro daquele pedaço de Frutuoso Guimarães entre as ruas Riachuelo e General Gurjão. Um pulsar de infinitas vidas para as quais nunca antes atentamos, tantos e tantos elementos. A seguir, cada um de nós "fez" uma única foto – mental. Perceber e fixar o enquadramento, as linhas, a composição do quadro, os elementos e seus significados.

De volta à mesa de trabalho, cada um recebeu um pequeno álbum para guardar a foto tirada. As imagens apresentadas mesclarão desenhos, palavras, cores, e o entendimento de cada um sobre a fotografia que fez e guardou mentalmente até transferi-la para o pequeno álbum de Fotografias Imaginárias. Isso tudo porque a fotografia está na força das imagens latentes, em nossas mentes, podendo ou não algum dia ser revelada ou por desenho, ou por colagem, ou por escrita.

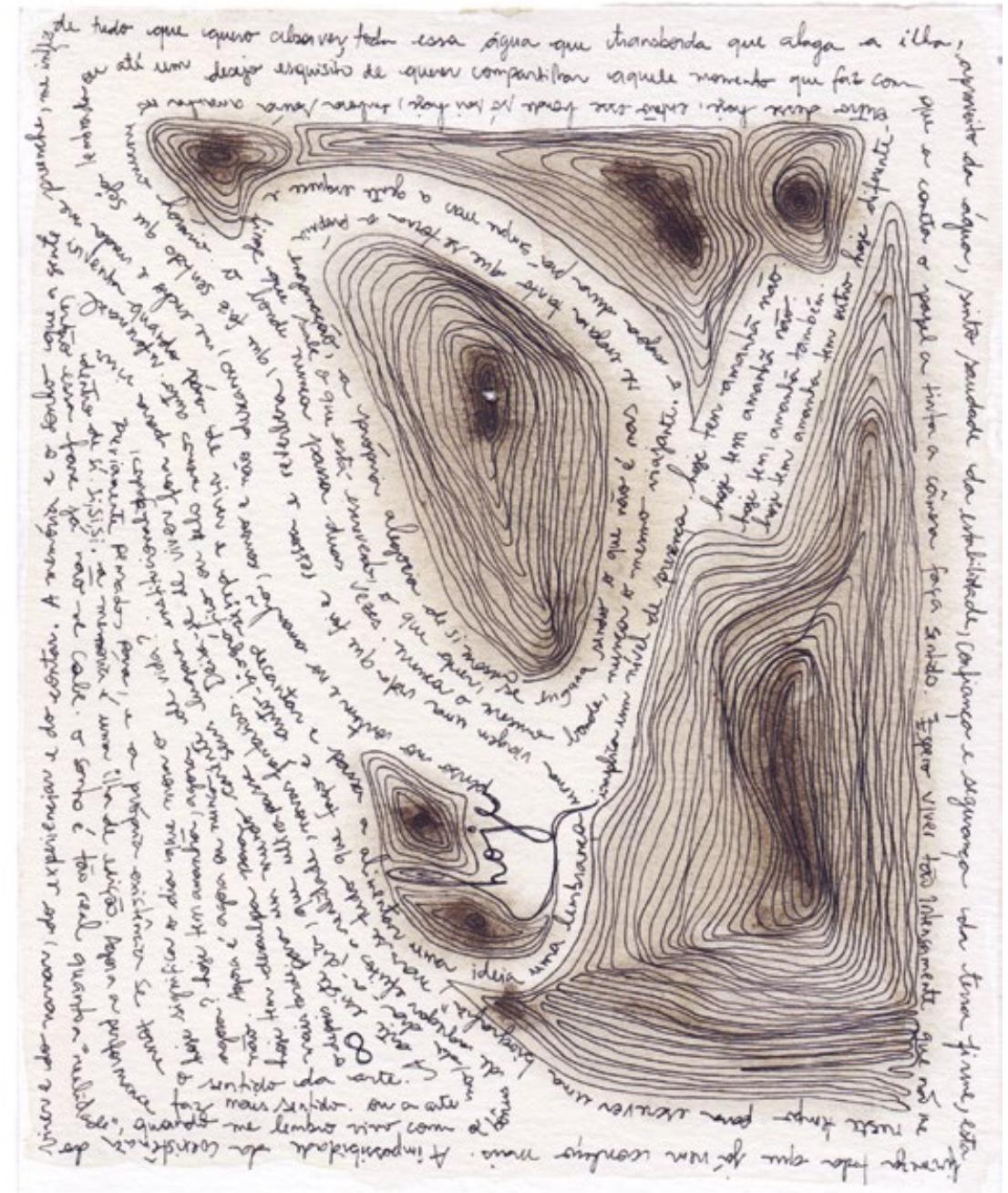
Camila Fialho

No extremo deste caminho feito de intensidades está, porém, a grande contradição final, o paradoxo de a palavra mais leve e mais densa de potência ser, afinal, a não dita, o I would prefer not de Bartleby. O seu silêncio grônico de escrita é o mais leve e o mais denso e tenso estado a que pode chegar a palavra. É a semente escondida do poema, a nuvem pairante carregada de água que não cai, pesada, sobre a terra (ou o papel em branco, ou a voz suspensa). Permanecendo inovar, guarda toda a leveza do possível, do virtual, do que não é — mas pode ser.

João Barreto

DO PESO E DA LEVEZA

A palavra da poesia



os dois caminharam com uma poeira de cal nas costas. não sabiam que estavam marcados, sabiam que por um longo tempo residiram um no outro e na árvore que tem uma espécie de saia branca pintada de cal. ambos foram por lados diferentes e com sorrisos diferentes, com gosto na boca diferente, mas as costas iam igualzinhas empoeirada de cal. muitos na cidade já foram tatuados pela brevidade do cal, ninguém comentava em voz alta sobre as tatuagens de cal, mas bastou eles atravessarem a cidade, cada um pro seu lado, que o assunto correu de boca em boca;

ninguém imaginava que os dois criadores de sabiá, há anos vão lá pra última ponta da orla namorar... soube que eles ficaram chateados. não por terem virado assunto em boca de beata, mas por terem descoberto o lugar de namoro deles. lá batia um vento... e sempre tinha uma manga caída... o sol ia embora pra dentro do rio. era um silêncio de gente... eles gostavam assim. depois da desconfiança, um abelhudo sempre ia por lá de bicicleta. alguém chegou a escrever o nome dos dois no tronco da mangueira, a partir daí a mangueira ficou conhecida como o ponto onde o sabiá do padre beija o sabiá do prefeito.

atividades de troca

Em sintonia com as práticas de formação e experimentação desenvolvidas pela Fotoativa, cada artista propôs como contrapartida uma atividade aberta ao público. Fosse uma oficina, uma vivência, uma imersão ou um bate-papo direcionado dentro de uma perspectiva de troca e de diálogo, a ideia era ampliar a interlocução com outros públicos da cidade.



25 e 26 de abril, Porto do Sal, Belém

Olhos do Porto com Débora Flor

A proposta de Débora Flor foi trabalhar com as crianças da comunidade do Porto do Sal, bairro portuário de Belém situado em uma área de risco e bastante estigmatizada pela violência.

Durante um fim de semana, pelas manhãs, a artista conduziu oficinas integradas entre desenho, câmera obscura e pincel de luz para pequenos entre 8 e 12 anos. Allan Maués, do Núcleo de Formação, foi o responsável pelo acompanhamento pedagógico da atividade que contou também com o apoio de Josianne Dias e Véronique Isabelle, colaboradoras da Fotoativa que já desenvolvem ações culturais no local, e com a mediação de Dinho, trabalhador no mercado e liderança comunitária.



Hoje finalizamos a oficina “Olhos do Porto” com as crianças do Porto do Sal. Desenhamos, construímos câmeras escuras, pincel de luz e construímos essa câmera gigante. Hoje eu sei, mais do que nunca, que é preciso voltar. Gratidão às crianças, pela paz dentro delas que eu sinto forte. Veronique, Anne Dias, Allan Maués, Dinho e todos que ajudaram. Obrigada, com muito amor. d.f. 27 de abril



Há de existir uma crença forte em um mundo possível diferente desse para que se possa ir ao encontro do outro. Essa crença é diária e renovada diante das adversidades. Encontrar outros seres humanos em outros lugares exige, então, às vezes, um grande esforço. A potência disso aumenta quando podemos nos inserir num processo de troca de conhecimentos e de experiências ao invés da simples passagem de conhecimento.

No fim de semana passado, a oficina “Olhos do Porto”, conduzida por Débora Flor, se fez junto à crianças moradoras do Porto do Sal. Na feitura da câmera escura ou do pincel de luz, foi possível perceber, tanto no processo quanto no resultado, a quantidade de histórias que elas, as crianças, já têm para contar a partir do seu dia a dia.

É dessa potência em se ver refletido no que se faz que surge o pertencimento, a ideia de que as coisas não são apenas coisas quando nos aproximamos delas com outro olhar ou com uma forma própria de fazê-las. Isso só se aprende quando todos se põem no lugar daquele que tem sempre algo a descobrir. E isso muitas vezes se dá também na saída do conforto do lugar onde se está.

Nada se faz sozinho. Tínhamos, antes de pessoas trabalhando em uma oficina, amigos. E amigos querem estar junto, pensar junto e dividir pensamentos e experiências. Daí que se formam redes que se estendem de pontos distantes, com esses elos brilhantes que se fortalecem a cada vez que se unem para fazer algo mais, sem se esquecer que existe o outro e o eu: nós.

Allan Maués

OFICINA ALIJON DO PONTO

Márcia do Oficina Alijon é
plena de amor e dedicação à
educação. Ela sempre busca
partir da base, onde crianças
aprendem brincando.
Lunes: 8h30m às 11h30m
Quinta: 19h30m às 22h30m
Sexta: 19h30m às 22h30m
Márcia L.P.
Pecém - CE

TRAJE DE LÉM
CV - 02
TURVARAS
SÉRIE INFANTIL

E

É



Pinhole Day Belém 2015 "Exercícios de Liberdade"



se a chuva passar vou te ver



nesse próximo final de semana feriado, de 1 a 3 de maio, aqui perto de belém, em colares - município das luzes no céu e do chupa-chupa, convido humanos pra passar os dias juntos atentos a si, aos outros, à convivência e a tudo que pode ser criado quando nos abrimos para nos ver, ver o outro, ver o mundo. lá em um sítio, com floresta e igarapé, ficaremos em rede, preparamos nosso alimento, conversaremos sobre nossos sonhos, desejos, medos, dores, paixões, expressões, músicas, cores.

~

estar e ser. aceitar nossas porosidades e vulnerabilidades, deixar-nos afetar. distrair-nos do eu para ativar a atenção ao entorno. criar campo para receber o que se revela quando nos abstemos do controle e do protagonismo e nos disponibilizamos aos acontecimentos e aos acidentes. um tempo para escutar, mais do que querer falar; para dar, mais do que querer receber. e quem sabe encontrar algo que não buscamos, não sabemos, não desejamos, mas que é criado nos encontros em rede e a cada momento, com as marcas e os rastros do viver juntos. m.t. 25 de abril

atividades de troca



1 a 3 de maio, Sítio Urutáí, Colares

Olhar Devagar com Malu Teodoro

A proposta de Malu Teodoro foi realizar uma imersão de três dias, no Sítio Urutáí, em Colares, pequena cidade a cem quilômetros de Belém. A atividade centrou-se nas possibilidades do estar junto, através da cozinha e da experimentação criativa em meio à natureza, da percepção do tempo dilatado onde, sem relógio nem computador, quem deveria ditar a sequência das atividades era o próprio corpo dos participantes - fome, calor, frio - tempo de comer, tomar banho de igarapé, fazer fogueira...

Aberta ao público em geral, teve suas vagas limitadas a 15 participantes, mais equipe de gestão do projeto. Os interessados tinham de fazer uma inscrição prévia, com breves linhas sobre seu interesse em participar do encontro.





Parar, respirar e escrever têm sido exercícios autopropostos pra mim. Em tempo de leitura contínua de artigos científicos, livros, dissertações, mensagens instantâneas do whatsapp, postagens e compartilhamentos no facebook, percebi a necessidade de parar.

Precisava parar! Parar e deixar que as “palavras instantâneas” do cotidiano se transformassem em sentimentos que reverberassem e produzissem sentido em mim.

Assim, com o desejo forte de mergulhar numa água escura e não ter medo, resolvi passar o feriado entre pessoas que não conhecia, num lugar que nunca estive antes, com o celular desligado. Foi difícil.

Peguei minha câmera e comecei um exercício de contemplar. Junto a imagens, escrevi alguns versos soltos que se somaram a tantas conversas que tive com todos.

Contemplar. Ato simples de parar diante de uma beleza que se faz no olhar, sentir, tocar. Contemplei tantas coisas nesse sítio, que não caberia descrever. Depois do sítio, esse sentimento tem sido recorrente. Deixo que um sentimento que ainda não sei nomear me toque. Eu sinto, olho pra ele com olhos abertos e tento perceber toda a sua beleza. Sei que é verdadeiro pelo frio na barriga e sorriso bobo que ele me provoca.

Hoje ainda preciso escrever mensagens instantâneas de whatsapp, mas cada vez mais tenho o forte desejo de trocar vivências de contemplação com as pessoas. Parar, como nesse e-mail, e tentar significar algo vívido em palavras não-instantâneas.

Caroline Maciel



Atrave[s] Ando

Corpo Paisagem

Pelo [mato] [mata]

Virgem

Morena de barro

barcos

Se enfeita com

densa

balançam

balançam

que balançam

ao vento vento vem.



Primeiro encontro na Kamara Kó Galeria

Casarão em reformas e Kamara Kó

Quando este projeto foi escrito, em maio de 2014, o desejo era vê-lo se realizar integralmente no Casarão da Fotoativa. Marcar a volta à casa com novos ares e novas pessoas em um projeto de responsabilidade compartilhada entre todas as frentes de trabalho da Associação. Mas as reformas necessárias não venceram o tempo. E o desenho inicial do projeto teve de ser repensado. O Casarão se manteve enquanto sede de muitas atividades, mas foi preciso encontrar um outro lugar para comportar a dinâmica do dia a dia.

Nessa empreitada, a fotoativista e antiga parceira de trabalho, Makiko Akao ofereceu o espaço de sua galeria, a Kamara Kó, para sediar o ateliê dos residentes.

Ali, Débora, Malu, Randolpho e Romário constituíram sua morada compartilhada pelos dois meses que duraram a residência: trabalhos, conversas, cafés da tarde, chás de chuva, arroz com jambú e castanha, visitas, embalos na rede, receitas criativas, vinhos, convidados, pés descalços no jardim, preguiça, música, entrevistas, bordados e costuras.

Café da manhã com Alexandre Sequeira, bolo de aniversário e expectativas iniciais de trabalho.



Café da tarde com Phillippe Dubois, bate-papo sobre processos e poéticas.



Chá verde com Miguel Chikaoka, histórias e memórias.



Fim da tarde com Claudia Leão e Véronique Isabelle, planejamento das viagens a Cotijuba e Jamaci.



Ceia com Armando Queiroz, indagações e inquietações sobre percursos.

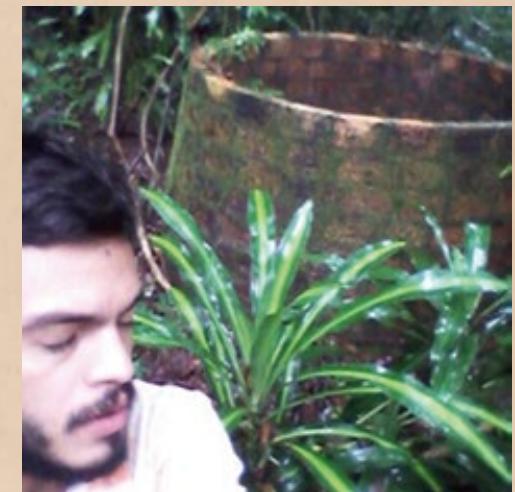




Considerando as condições de precariedade da nossa casa-sede, em obras de restauro, acolher quatro residentes para desencadear ou dar continuidade aos seus processos criativos foi uma experiência emblemática que deverá reverberar por um bom tempo. Durante alguns poucos meses, assimilamos situações de deslocamentos, desafios, superações e experimentações num clima de convivência imersiva permeada por questionamentos e reflexões multifacetadas sobre os processos artísticos e seus contextos. Em certa medida, podemos considerar que a troca afetiva, não só entre os residentes, mas entre todos aqueles que protagonizaram essa vivência, tornou-se o principal ingrediente articulador dos encontros, diálogos e experimentações. Seguiremos contagiados pelo desejo de ampliar o leque de experiências fomentadoras de práticas e pesquisas que se expandem para além da fotografia, tanto como técnica quanto como linguagem. Penso que assim deva ser quando transitamos pelo sensível humano.

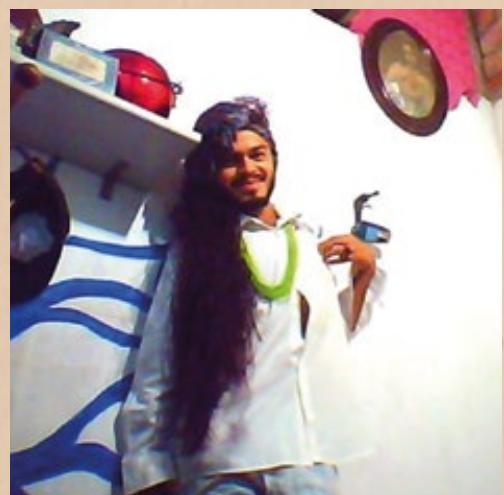
Miguel Chikaoka

Dia a dia no ateliê compartilhado, Kamara Kô Galeria

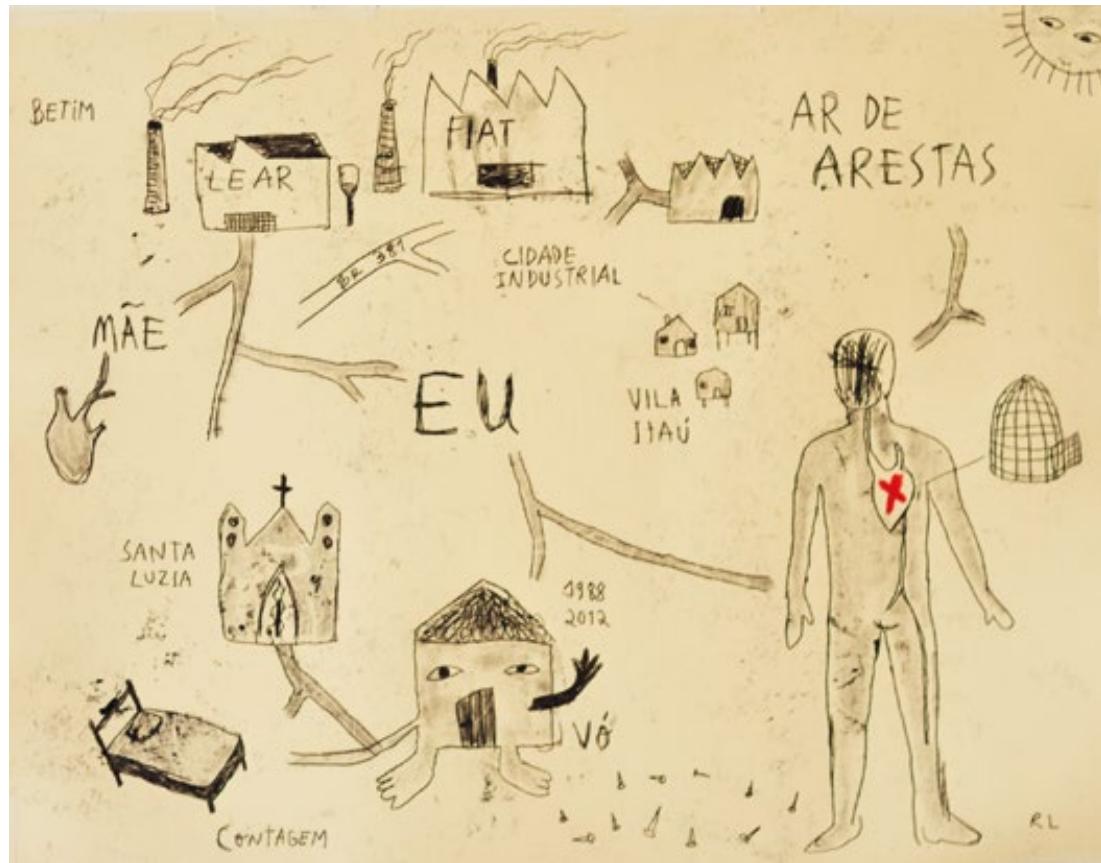


Tinha o documento em mãos como quem segura as asas da galinha para o abate ou com a mesma serenidade de quem segura uma criança. Os calos secos roçavam o papel emitindo um som que arrepiava os pelos. Não se importava em dizer que o tempo havia sido duro mas que agora tudo virara e as lágrimas seriam de Felicidade. Acanhou-se um tanto quando falou com demais certeza mas logo falou de uma brincadeira que sempre lhe fazia sorrir após apanhar, sorriu e o documento saiu voando.

w.r. 7 maio



atividades de troca



8 a 10 de maio, Fotoativa/Porto do Sal, Belém

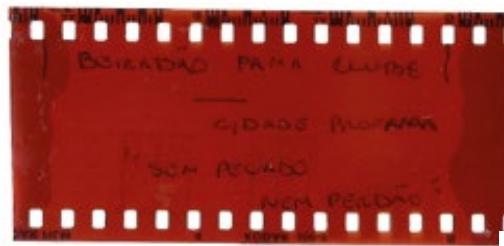
Trocas de Paisagens com Randolph Lamonier

Para sua atividade de contrapartida, Randolph Lamonier propôs a elaboração de mapas afetivos - exercício já experimentado em seu próprio trabalho - e uma experiência de deriva fotográfica em grupo pela cidade. Aberta ao público em geral, a vivência teve três encontros: o primeiro, para compartilhamento de memórias marcadas pelos lugares afetivos de cada participante e a criação de mapas individuais - o desafio de se negociar o ponto de encontro entre o eu e o outro; o segundo dia foi dedicado à deriva e mais histórias desenhadas ao longo do deslocamento entre o Casarão da Fotoativa e o Porto do Sal; e o terceiro, para o reencontro e a troca de leituras do que representou a experiência para cada um dos participantes. A atividade contou com acompanhamento de Allan Maués do Núcleo de Formação e Experimentação.





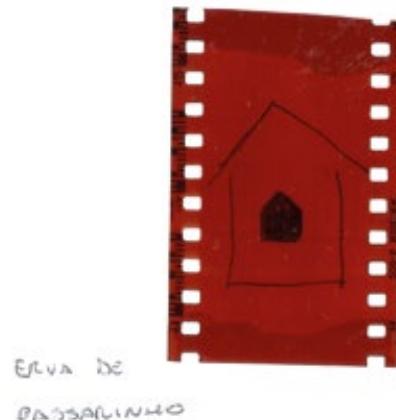
A MADEIRA NUNCA
DESOBRA O VOLUME
NAS UM HOMEM
EM COLOR



Segundo o dicionário, troca seria uma transferência mútua. A vivência com o Randolph foi exatamente isto: dar, trocar, dividir e compartilhar a deriva contida em cada um. Suas histórias, suas vivências em seus respectivos bairros, numa cidade repleta de sentimentos, medos, raivas e paixões. Um universo que deriva além de uma cidade... em sentimentos pessoais e familiares. Uma deriva pelo ser presente em nossas vidas... avós e pais.

Conhecer lugares nos quais não entramos pelo medo. Ou talvez pelo preconceito. Saber que quando nos convidam a entrar, eles cuidam, advertem. Aí, surge a dúvida. E se fosse o contrário? Seria feito o mesmo? Alguém iria dizer para ter cuidado? E que esse cuidado seria com os olhares, as atitudes e ações de uma sociedade repleta de preconceitos e diferenças. Foi um momento de refletir e voltar em muitas derivas. Cada mapa construído parecia um corpo ligado entre vários caminhos, como raízes que estão abaixo da superfície, absorvendo matéria bruta para sobreviver e que se diferem às vezes por serem especiais e ficarem à mostra de forma frondosa em sua plenitude. Sendo longas, elas derivam por vários caminhos do conhecimento humano.

Irene Almeida



Estar à deriva inclui fluir por entre escombros, fragmentos. Derivar pelas ruas da cidade implica a possibilidade de enxergar tais fragmentos em uso ou em suposto abandono. Desde o lixo encostado nas esquinas às ações das pessoas com as quais esbarramos, tudo é pista para construirmos um quadro maior que se identifica com a perspectiva de cada um. A cidade é vista e é imaginada, relembrada, reconstruída, descoberta.

Voltar com os fragmentos colhidos, compartilhá-los, provocar tensões entre esses fragmentos é, como no caso do naufrágio, a tentativa de encontrar um escombro no qual se apoiar; é resistir dentro de um redemoinho de informações, emoções, lembranças que formam a Belém de cada um. Cada Belém se encontra. Ela contém as fotos dos avós, as palavras que se tornam imagens no pensamento, a vontade de parar e pensar, o olhar estrangeiro, o sentimento que transporta um passado distante para dentro de um quadro novo e atual.

Após a vivência de um fim de semana de conversas e derivas (físicas e no pensamento), fica a sensação de que há de existir também o momento de parar a deriva por um instante. Identificar o que se viu. Pensar sobre o que se viu. Pensar sobre o que se falou. Tentar encontrar um pouco de Terra Firme (de Umarizal, de Marambaia, de Cidade Velha, de Guamá, de ...), onde descansar o olhar, a audição, o olfato, a cabeça, porque todo o dia esse redemoinho encontra a gente. Há uma diferença entre estar à deriva e desligado do que passa ao nosso redor, e que muitas vezes se choca com a gente e nos machuca. Para que essa atenção exista, temos que estar atentos aos outros, náufragos como nós, com cuidado e carinho – estamos todos no mesmo barco, ou fora dele.

Allan Maués



Quero nescer , quer o viver
Parto amanhã ao encontro
de Dandara que tem um avô
brilhoso, que brilha no escuro
brilha, brilha na noite
estrelada.



Há dois anos conheci Dandara. Desde então, maturo a possibilidade de voltar a encontrá-la para continuar ouvindo suas histórias sem pressa, sem medo do tempo acabar, sem tempo, apenas com a vontade da escuta, da troca, do afeto. Inteira pra ela, disposta a todas as aventuras que ela inventar, ir de peito aberto. E fui.

Cheguei, e o encontro foi de desconhecidos que se dão as mãos e resolvem ouvir as histórias uns dos outros. Fiz uma caminhada com Dandara, Douglas e a mãe Evanil até a escola da vila. De lá, voltei pra casa na espera desse retorno. Joguei baralho com a família, desci e andei na praia seca até encontrar a água.

Sentei em um tronco atrelado a uma âncora enferrujada, cheia de vestígios do vai e vem do estuário. Agradeci a Oxum, Yemanjá por estar nesse lugar, junto com essas pessoas tão queridas, tão simples e carinhosas.



Acordo antes de todos pra ver o sol nascer na praia. É tão lindo que ofusca os olhos. Estou sentada na varanda da casa onde estive hospedada na primeira vez em que vim aqui, quando conheci Dandara. Dandara cresceu, já não acredita em todas as histórias que conta, mas em algumas sim.

“Eu tenho um avô que se chama brilhoso. ele brilha no escuro. É sim!”

Ontem fiz um passeio bonito a Soure. Na volta, finalmente levei Dandara ao Céu de barco junto com seu pai Catita. Entramos em um igarapé, o mais bonito que já vi, água barrenta, rio largo, árvores de taperebá, coco, tucumã, muitas. O Céu tinha um azul intenso, dali vinha o nome, só pode. Escutei as histórias do Seu Catita com atenção. Falávamos do assoreamento dos vilarejos que se movimentam. Pesqueiro, Céu, Caju-una, Araruna... Talvez daqui a pouco não existam mais.

Pegamos um furo estreito e chegamos ao Porto do Céu. Perguntei a Dandara se estava feliz, e ela disse: sim, muito! Caminhei sozinha com ela até a praia. Havia um caminho livre e um barranco de areia que davam na praia. Dandara naturalmente perguntou se eu queria ir pelo barranco. Claro que sim! Sentamos um pouco caladas. A praia do Céu estava linda e deserta. Foi um momento de silêncio. Não queríamos sair dali. Pedimos pra deixar toda a energia ruim ir embora com a maré que estava vazando e voltamos livres do Céu. Felizes do Céu. Na volta, quis passar por dentro de um grande lago que havia no meio da vila. Passamos de mãos dadas.

Chegamos até o Seu Catita que esperava em uma casa de amigos moradores do vilarejo do Céu. Sentei pra ouvir histórias de pescadores das mais diversas. Ferrada de arraia, bebê peixe-boi, barco que virou, perna quebrada no rio, tartaruga marinha.

Voltamos pelo grande igarapé. Dandara brilhava como seu avô na ponta da canoa. Eu olhava como se estivesse sendo encantada por um ser das águas, do sorriso forte e branco. Chegamos pra almoçar peixe e depois fomos pescar com Seu Catita. Tinha uma rede enorme que ia de uma ponta a outra da margem do rio. Um rio largo. Soltamos a rede e esperamos. Demos sorte. Pescada, robalo, sardinha, tainha. Quando jogamos a segunda rodada, uma família acenou da beira da praia. Queriam atravessar pro Céu. Seu Catita nos deixou em um banco de areia na margem do rio.

Foi mágico esse momento. Foi como se não existisse mais nada além de nós, corremos, brincamos, giramos e deitamos na areia pra ver tudo rodar. Era tudo tão rico, poderíamos passar dias ali brincando no lago.



Aqui no Marajó, na vila do Pesqueiro, na casa de Dandara, o tempo é outro. O dia começa cedo e termina cedo. Deduzo pelo sol e pelo Céu. Ando pelo tempo da maré. Na vazante, posso andar pela praia sem fim.



Outro dia saí na vazante pra longe. Na volta, a maré encheu e fiquei ilhada com Dandara. Tínhamos que atravessar um grande canal que não parava de encher com a força da maré. Ficamos paradas sem saber direito o que fazer. De repente, Dandara correu em direção ao Céu. Corria muito e não me escutava. A visão era linda, Dandara correndo sobre um banco de areia, a maré forte dos dois lados, o sol se pondo, o céu. Nesse momento, todo o desespero foi embora pra dar lugar à contemplação. Respirei aliviada. Dandara não sabia bem o que estava fazendo, mas foi o seu medo a encontrar uma solução para atravessarmos. Corri atrás dela e disse que tínhamos que atravessar com calma. A água já dava no peito. Demos as mãos e fomos arrastando o pé devagar. Atravessamos aliviadas, com um respiro calmo. Olhamos para trás e a maré estava alta, brava. Olhamos pra frente e andamos no silêncio.

caderno de notas de Débora Flor

atividades com convidados



15, 16 e 17 de maio, Ilha de Cotijuba e Jamaci, Belém

Viagem e derivas entre ilhas

com Cláudia Leão e Véronique Isabelle

Ao longo da caminhada e das trocas entre os residentes e os próprios artistas convidados, Cláudia Leão e Véronique Isabelle acabaram por aproximar suas atividades e condensaram suas propostas em uma viagem para Ilha de Cotijuba. A saída foi restrita a um grupo pequeno formado pelos residentes e alguns membros da equipe gestora do projeto.

A experiência com Cláudia tinha como premissa de encontro a viagem de barco e o cozinhar junto, o deslizar sobre o rio e o estômago como pontos desencadeadores de trocas criativas e alguns textos em fragmentos para alimentar as ideias e o diálogo.

Já Véronique tinha como proposta mergulhar com o grupo por entre lugares desconhecidos, inclusive para ela mesma. Propôs um deslocar-se junto por entre ilhas, furos e igarapés ao redor de Cotijuba. Desta vez em um barco pequeno, em movimentos lentos nos deslocamentos até às comunidades de Jutuba e Jamaci, na Ilha de Paquetá, para conhecer o lugar e seus moradores.



Sobre viagens, processos de criação e cozinhar

por Cláudia Leão

Para Camila, José, Rodrigo, Adriele, Véronique, Romário, Randolpho, Malu, Débora e Armando

Gostaria de oferecer pequenos e delicados estalos dos sentimentos compartilhados nos dias em que estivemos juntos em viagem. As conversas na cozinha; andar na praia, se embalar na rede, conversar dentro d'água, ficar com o olhar perdido sobre o que está além da outra margem do rio; rir de bobagens; e chorar a despedida na sala. Para começar esta viagem, eu ofereço a vocês o poeta japonês, Matsuo Bashô:

Luas e Sóis (meses e dias) são viajantes da eternidade. O anos que vêm e se vão são viajantes também. Os que passam a vida a bordo de navios ou envelhecem montados a cavalo estão sempre de viagem, seu lar se encontra ali, onde as viagens os levam. (...) tudo o que via me convidava a viajar, e estava tão possuído pelos deuses que não podia dominar meus pensamentos. Os espíritos dos caminhos me faziam sinais (...). (BASHO apud. LEMINSKI, 2013 p.85)



O poeta acreditava e sentia as viagens para além do ato de traçar um percurso e segui-lo para chegar a um lugar. Viagens, para ele, era viver viagens, vinculadas à experiência de relações de vivências entrelaçadas com o que estava ao seu redor. Para Bashô, as palavras mais importantes de um repertório, simples e extremamente sofisticado, eram: *tabi*, viagem e *yumê*, sonho. As viagens são sonhos constituindo as passagens. Outra palavra importante era *Dó*, uma tradução para caminhos, que tem o sentido muito mais completo que o dos nossos caminhos. *Dó* são práticas para experimentar o que pode posteriormente se tornar visível em ações, em gestos. Suponho que seja importante saber sobre a experiência de estar junto e viajar, para que pensemos as viagens como processos de criação, de vivências entrelaçadas em (per)cursos, em *Dó* (caminhos) feitos de barcos pelos rios da região amazônica.

Assim, as viagens que proponho viver não são solitárias como as empreendidas por Bashô. Com convidados, proponho nos permitir ir e viver tudo o que a viagem puder trazer, que são as experiências que os longos percursos feitos de barco nos possibilitam, que vão desde conhecer pessoas que estão de passagem, movimentando-se como nós, (transitando entre uma localidade ou uma cidade ribeirinha em outra ou sua cidade destino); conversar sobre todas as experiências que o tempo da viagem nos permitir; dormir, se embalar na rede no balanço da água; escutar a músicas que outra pessoa escutar, ou as conversas alheias sobre o que acontece nos lugares onde vivem; ouvir o ronco, o ressonar, a respiração; conhecer as história de lugares nunca antes vividos, ler, escrever, sentir frio e o vento da noite; sentir o medo da água quando lança forte; contar as minhas histórias e viver a monotonia da paisagem, pois como me disse um viajante, enquanto comprava as passagens de uma das viagens: “no barco a gente só vê água e céu”. Entendo que experimentar viagens é sentir as viagens, permitindo-se no ímpeto do corpo penetrar os rios, atravessar e ser atravessado. Ir, traçando as rotas inexistentes, seguindo o fluxo contínuo, esse, suponho, ser o intento.



No entanto, não fizemos uma longa viagem, mas fizemos uma viagem para fazer uma travessia e chegar de barco à ilha de Cotijuba. A possibilidade da viagem como processo de criação surge sem que haja uma necessidade imediata de resultado, mas, por outro lado, se empenha sobre o que o processo de atravessamento pode gerar, pois o deslocamento à ilha é o deixar-se ir, e estar disposto ao imprevisto, ao acaso. Levando em conta que ir, por si mesmo, já é o acontecimento.

O feijão intuitivo, sobre amor e compartilhar receitas

Cozinhar é um prazer, é o amor que ofereço a quem eu gosto. Eu venho de uma família de muitas mulheres e aprendi a cozinhar com uma das minhas mães (a vida foi generosa comigo e me ofereceu quatro). Como desde muito pequena vivia agarrada a ela, eu amava vê-la cozinhar, sua delicadeza, seu cuidado, seu carinho, o amor. O corpo dela cheirava a comida e a sabonete Lux de Luxo. A Maria me ensinou que muitos dos acontecimentos são feitos de amor, como o alimento, que pode curar e são carinhos que começam pela boca, uma das zonas mais sensíveis do nosso corpo. Assim, Maria apaziguava os ânimos da casa com a comida feita quase que especialmente para cada uma das pessoas da minha família.

Comecei a fazer feijão quando fui viver em São Paulo. Nessa época, eu ainda não sabia como prepará-lo, mas descobri que receitas são pequenas invenções que no final cada um tem a sua. Para reunir e ver meus amigos mais queridos eu comecei a fazer o feijão das 5. Ele sempre acontecia aos sábados e, em tese, se iniciava às 5 da tarde, entrando pela noite. E sempre o feijão ainda não estava pronto, mas os que chegavam faziam-me companhia conversando enquanto eu cozinhouva. Quando iniciei meu retorno a Belém, comecei as minhas viagens com os alunos do curso de Artes Visuais, para fazer algumas experiências intuitivas, experimentar e estreitar nossos vínculos fora da sala de aula. Cozinhar para eles. Estar junto e fazer junto já era a grande história.

Cada parte do feijão é uma contribuição dos que me acompanham na vida. A farofa é da Dimitria, minha filha. O vinagrete é feito somente com tomate e cebola, sempre mais tomate que cebola, uma nova receita do Paulo, nunca com pimentão por causa da Tina. Como é uma feijoada intuitiva, não sei sobre medidas, não sei dar a quantidade de tempo de fervura, nem do tanto de alho ou de sal, nem de azeite ou pimenta. Mas o segredo talvez seja: sinta o gosto de todas as coisas, então, ponha pequenas quantidades, vá provando e corrija a seu gosto. Mas, como se propõe este pequeno texto, tentarei dar uma receita para um quilo.

Ingredientes feijão preto, charque, linguiça paio defumada, linguiça calabresa defumada, costelinha defumada, tocinho, alho, sal e azeite.

Farofa farinha d'água, bastante azeite, sal e pimenta calabresa.

Vinagrete tomate (sempre mais tomate que cebola), cebola roxa e branca bem picados.

Couve maço de couve manteiga cortado em tiras finas, alho, azeite.

Modo de preparo

Feijão - Cate o feijão, deixe de molho por umas horas, ponha em uma panela, deixe ferver até antes de amolecer (cada vez que a água evaporar torne a encher a panela de modo que cubra os grãos). Ao mesmo tempo, corte em pedaços pequenos o charque, o tocinho e as linguiças.

Ferva as carnes somente uma vez, para que fique um pouco do sal original do charque. Se preferir, ferva separadamente, ou junte apenas o tocinho e o charque. Separe as carnes do tocinho. Pique o alho e separe. Em uma outra panela, coloque azeite e alho, deixe iniciar a fritura sem dourar. Então jogue o tocinho e refogue. Junte o refogado ao feijão e deixe continuar a fervura. Faça a mesma operação com o charque e a costelinha. Mantenha em fervura contínua. Por último, junte a linguiça (lembre-se de retirar a pele). Deixe ferver até o feijão engrossar.

Farofa - Jogue a farinha d'água em uma frigideira quente, e regue com muito azeite até ela ficar molhada e torrada, adicione sal e uma pitada de pimenta calabresa a gosto.

Vinagrete - Pique o tomate e a cebola em pedaços pequenos. Suco de limão, sal e água. Lembre que é necessário provar para que se mantenha a acidez.

Couve mineira - Lave as folhas de couve. Corte em tiras finas (normalmente também utilize o talo da couve). Em uma panela, regue o azeite e jogue o alho bem picado. Não deixe ele fritar, apenas esquente a ponto de formar bolinhas em volta do alho. Coloque a couve e vá regando com um pouco de azeite.



Para me despedir, retomo uma leitura que me acompanha ao longo dos anos, um presente dado pelo Miguel [Chikaoka], meu mais querido professor de fotografia, mestre que se dispõe a experimentar silenciosamente.

Quando, em 27 de março, me pus a caminho, havia neblina no céu da madrugada. A pálida lua matutina tinha perdido o brilho, mas ainda se podia vislumbrar debilmente o monte Fuji. Em Ueno e em Yanaka, os ramos das cerejeiras em flor me despertaram pensamentos tristes ao perguntar-me se algum dia os voltaria a ver. Meus amigos mais queridos tinham todos vindo à noite à casa de Sampa, para poder me acompanhar durante o curto trecho de viagem que eu faria em um barco. Quando desembarcamos num lugar chamado Senju, a ideia de começar uma viagem tão longa me encheu de tristeza. De pé sobre o caminho que talvez ia nos separar para sempre nesta vida que é como um sonho, chorei lágrimas de despedida:

primavera

não nos deixe

pássaros choram

lágrimas

no olho do peixe

- parte inicial de *Sendas de Ōku*, o mais célebre dos relatos de viagem de Matsuó Bashō. BASHO apud: LEMINSKI, 2013, p.85-86





sou filhx de mãe solteira, maravilhosamente forte e independente, que não aceita pedir permissão pra agir a nenhum homem; ela usa o viver em liberdade; minha família é negra. e assim eu sou. pena que na hora da impressão faltou um pouco de pigmento em mim, mas as raízes flutuantes todas me compõem: negra. minha vó é costureira e veio de marapanim. até os 20 anos, viveu lá e me conta que morou em mais de 7 casas em diferentes lugares. numa delas era só atravessar a calçada e tomar banho de rio. perto de outra, ela viu a mãe do bacurizeiro e quase foi levada pra dentro da árvore na noite de lua cheia. meu avô já foi embora, era conhecido como boi, mas não por ter sido traído, mas por ser forte como tal. houve uma vez que ele bêbado, subiu no coqueiro que tinha no quintal e lá em cima dormiu. pra tirar ele de lá foi uma engracada e louca história. minha família está espalhada por belém, marapanim, barcarena. a parte do pai parece que mora em abaeté, não conheço nenhum, nem o pai. eu adoro a confusão que na minha casa acontece todos os dias. lógico que eu fico loucx, mas é bom, no terreno de casa, tem mais duas casas além da minha. no momento, moro com a maioria da minha family, ao total de 17 pessoas, 5 são crianças com menos de dez anos. o jogo pra nos libertarmos dos modelos de uma família tradicional é sempre e a todo o instante. em casa, só tem cadeado no portão pela parte do meio-dia até as 15h e pela noite. venham me visitar, hehehe, se kizerem costuro. minha vó faz costuras de alto padrão, ela é bem melhor q eu, sem dúvidaaaa, enfim, moro na fronteira do bairro do marco com o bairro da terra firme curiô, na baixada do marco. feem! soh cuidado com o apolo, rsrsrrs, ele adora carinhos w.r. 25 maio



atividades de troca



25 a 27 de maio, Casa do Romário, Terra Firme, Belém

Café na casa que o quintal é uma rua com Wellington Romário

Para o desenvolvimento da atividade aberta ao público, Romário organizou em sua própria casa cafés da manhã temáticos, ativando dispositivos desencadeadores de momentos de troca, processos que alimentam sua pesquisa poética. O primeiro dia foi consagrado ao bordado e à mentira, contada ou vivida. O segundo, voltou-se ao estudo dos sonhos compartilhados e ao jogo do bicho. Para encerrar, o segredo norteou as trocas. Aberta a interessados em geral, a ação transcorreu ao longo de três manhãs consecutivas e contou com o acompanhamento de Cinthya Marques, do Núcleo de Formação e Experimentação.





primeiro dia.

hoje no primeiro dia de encontros aqui em casa, dentro das ocorrências da residência dois de lá dois de cá, tudo era pra ser de mentira. digo, íamos falar sobre mentiras contadas... mas deixamos elas num lugar que pareceu longe e seguimos sem eira nem beira. foi lindo como tocar na cambraia bordada. falamos sobre coisas que estão nos acompanhando, reviramos retalhos da minha vó, ficamos no quintal esperamos a chuva cair e depois seguimos. cada um pro seu caminho. w.r. 25 maio



segundo dia

já é quase amanhã. então cabe dizer q >>> quase ontem de manhã estive aqui em casa quase sonhando junto com alguns queridos enquanto o sabiá tinha fugido da gaiola.

algumas horas atrás, ou no tempo que só aconteceu, vivemos o segundo dia de encontros aqui em casa. foi de se alimentar, fiz um bolo de caixa, um suco de beterraba, minha mãe assou pão de queijo. minha vó disse que não perde a esperança. o ramon contou que não lembra do sonho da noite passada. a malu chegou de bike. antes disso, a inaê chegou e acenei do portão de casa pra ela que caminhava na rua de casa.

hoje o fio solto da conversa era sobre os sonhos. olhar pra eles como quem olha o esquecimento e dele se nutre para viver o mundo. o único concreto intuito do dia foi cumprido, e era jogar no bicho. fomos até a banca da dona nazaré e jogamos um palpite q minha vó nos deu e uma combinação de palpites feitos ali na banca, dois ternos. burro, jacaré e veado. pavão, borboleta e coelho. tudo aconteceu sem eira nem beira como a terceira margem. gracioso tempo que nos acompanhou. :) bons instantes. té w.r. 27 maio



água

aguamar

guamar



da angústia da criação ou da aceleração de um processo ou da materialização do sentir

Fim da residência. Faltam 15 dias pra terminar tudo. Mas o que é esse tudo? Vejamos bem. Em 15 dias já não terei mais a bolsa, nem a moradia, não farei mais parte desse processo que é a residência. No entanto, ganhei muitas coisas nesse tempo - conhecimento, percepção, emoção, maturidade, relações, amigos, etc. E tudo isso seguirá. Seguirá comigo, por mais que o respaldo institucional termine. De tudo isso que vivi aqui, o que quero levar pra mim? Esse período foi tão lindo. E me entristece um pouco que ele termine. E ele vai terminar. Já sei. Mas não é fácil. Ao mesmo tempo também estou cansada. Me desgasta energeticamente acertar detalhes institucionais como negociações com museu, trâmites de obras para exposição... Mas isso tudo são desculpas. O que me chateia realmente é finalizar esse processo, colocar um ponto final, ter de reduzir essa experiência em algumas linhas, algumas imagens, algumas materialidades, que nem de longe podem traduzir o que foi a nossa experiência aqui. Isso é o que me chateia. Não quero sintetizar. Quero continuar experimentando, e não me reduzir ao que já sei. Eu poderia editar um vídeo, fazer um ensaio fotográfico... Mas aonde isso vai me levar além do lugar que já conheço? Eu quero experimentar novas formas de expressão, como as que tenho feito: monotipia, cianotipia, tinta óleo, aquarela, linha e agulha sobre papel, fio encerado fazendo hippicies como filtro dos sonhos, comida regional paraense, pesquisa sobre as sementes, óleos, folhas, medicinas amazônicas, leitura de todos os tipos - jornalística (Lúcio Flávio Pinto), espiritual (i-ching, respiração yogue), prosa (Dalcídio Jurandir, Paul Auster), poesia (Pessoa, Max Martins, Vicente Fraz Cecim). Todos esses e outros tipos de experimentos. A vida pode ser esse eterno experimentar?

Tenho tantas ideias do que poderia fazer para finalizar essa residência. Questões que me acompanham de longa data... Ou questões que apareceram aqui. Para uma exposição, talvez eu teria que escolher entre uma delas e nela mergulhar. O que eu não estou fazendo, naturalmente. Ando bebendo de tantas fontes, habitando vários mundos, que é difícil me aprofundar em um.

Das coisas que me afetaram aqui...

Já quis atar uma rede e nela estar presente eu e outra pessoa, pelo tempo de um convívio, que poderia ser a elaboração de um caderno feito com materiais que restaram da minha passagem. Vários tipos de papeis e um bordado, que poderia ser uma textura, uma palavra, que me aparecesse naquele momento de convívio. A gente daria um nó com o fio juntando as folhas do caderno, e então a pessoa partiria. Nisso, falar da rede. Essa coisa que eu nem tenho palavras para descrever, mas que agora já não sei viver sem. Durmo nela todos os dias. E durmo de outra forma, tenho sonhos outros, tenho outra energia durante a noite, durante o dia. A rede que me navega, que é meu barco, que me leva. Sinto que ela - minha rede azul remo, azul ultramar, azul cor do céu antes dele ficar negro, ou antes do sol nascer - me fortalece para seguir daqui para frente. Eu e minha rede por esses rios todos até chegar sabe lá onde... Afinal, o que importa o destino?

Já quis fazer um catálogo das minhas lembranças, da minha passagem, dos objectos que me afetaram nesse lugar, de tudo o que descobri e que já faz parte de mim, que se acumula nas minhas células do corpo, como a própria rede, como o leite de Amapá que tomo todos os dias de manhã em jejum, como o óleo de andiroba que me hidrata, protege dos carapanãs e que se transformou, junto a outros elementos, em um desodorante, como o jambu, o patchouli... Os objectos que ganhei, que tanto significam um momento importante para mim. E esses objectos traduzem a relação que tive com a cidade, as pessoas, as emoções que me surgiram aqui. Que coisas poéticas vivem aqui com a maré, que lança, que vaza. Não quero jamais esquecer isso.

Já quis fazer uma ode, uma homenagem aos rios, esses que me cativam o olhar, que quando paro à frente, não vejo mais nada, apenas o rio infinito, que molda o ritmo das minhas ondas mentais, me transportam para outro lugar, não apenas fisicamente, mas emocionalmente. A água que sobe e desce duas vezes por dia, ao que podemos ver, mas também a água que sobe em forma de vapor e desce em forma de chuva, que transforma a maneira de viver. Essa coisa de esperar a chuva passar, dar a ela seus dez minutos... E nisso olhar, pensar na vida. Os pássaros, quando chega a chuva, vão pro ninho, os bichos vão para a toca, nosso corpo pede para ir para a rede, mas a vida na cidade não permite. Às vezes o ar condicionado nem deixa saber que está chovendo. Então a gente perde essa conexão com a natureza, com a chuva. Agora retomar essa conexão, e aprofundar. A água simboliza nossas emoções. E nesse lugar que encontra a bacia hidrográfica amazônica e o oceano, meu Deus!, é muita água, sinto minhas emoções todas em maresia.

m.t. em resposta a Dominik Giusti 29 maio

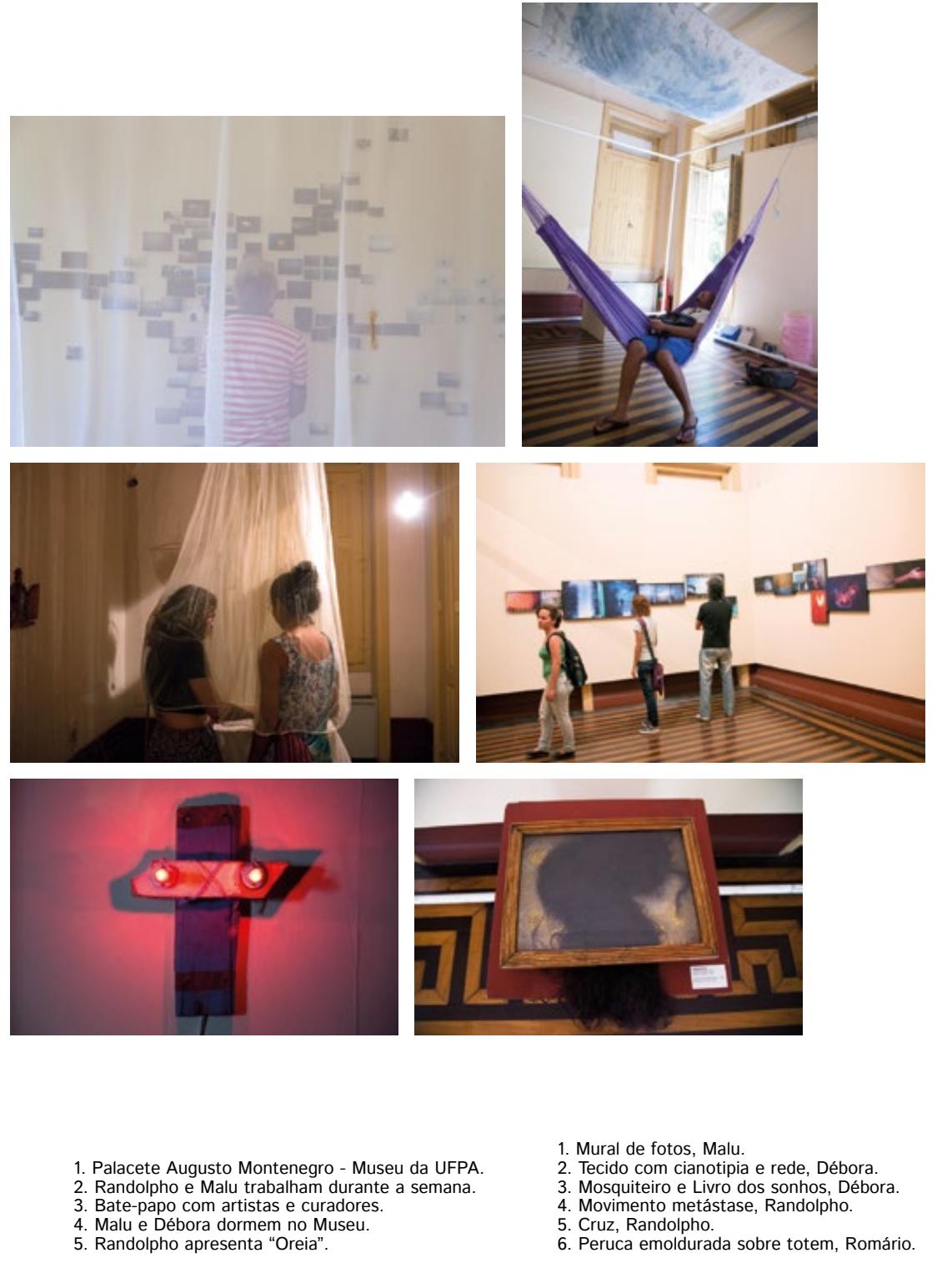
Então o museu virou casa

Na finalização da residência, o desafio de encerrar o que não tem fim. Era tempo de organizar as ideias e materializar o que foram esses dois meses. Os residentes não tinham a obrigatoriedade de apresentar uma obra acabada, mas teriam de dar contorno aos processos desenvolvidos, para compartilhar com o público quando do término da residência.

Desenhou-se a exposição de encerramento e a proposta de uma última imersão para montá-la.

Com o Casarão da Fotoativa ainda em reformas, foi preciso encontrar um outro lugar para realizar essa última etapa do projeto. Dentre as possibilidades, optou-se pelo Palacete Augusto Montenegro, sede do Museu da UFPA. Alexandre e Armando fizeram a mediação necessária para abrir suas portas. A professora Jussara Derenji, atual diretora da instituição, acolheu a proposta de braços abertos, junto de toda sua equipe.

Então, ao longo de uma semana, o museu virou a casa de Débora, Malu, Randolph e Romário. E assim tomou corpo “Um tanto de nós”.



1. Palacete Augusto Montenegro - Museu da UFPA.
2. Randolph e Malu trabalham durante a semana.
3. Bate-papo com artistas e curadores.
4. Malu e Débora dormem no Museu.
5. Randolph apresenta “Oreia”.

1. Mural de fotos, Malu.
2. Tecido com cianotipia e rede, Débora.
3. Mosquiteiro e Livro dos sonhos, Débora.
4. Movimento metástase, Randolph.
5. Cruz, Randolph.
6. Peruca emoldurada sobre totem, Romário.

UM TANTO DE NÓS

Quando as crianças brincam, não existe nada de mais sério. Acredita-se piamente no vivido. "Eu com as quatro/eu com ela/eu sem ela", cantam em Parlenda os pequeninos. Muito tem a arte do jogo infantil. É como se fosse um prolongamento do eterno deslumbrar-se com o mundo. "Eu com as quatro/eu com ela/eu sem ela". Nada mais sério e rico em possibilidades de conhecimento e reordenação do mundo. Muito do universo adulto perde em compreensão destas potencialidades ao anestesiá-lo pela razão. Tudo fica sem graça, oculto pelo filtro da obviedade de que dois mais dois são quatro. Reina o que está posto, o dito pelo dito. O que já foi comprovado e marcado pelas regras restritas das convenções culturais. Brincar é o respiro do novo. É colocar o rosto para fora do museu e tragar o mundo. Colocá-lo de ponta-cabeça.

O projeto de residência artística "dois de cá, dois de lá" proposto pela Fotoativa e acolhido incondicionalmente pelo Museu da UFPA, chega a sua etapa final. Chega depois de afetar e ser afetado por seus integrantes-artistas, a incansável equipe técnica e o público participante das falas e oficinas. Os residentes precisavam de residência. Os "meninos" precisavam de moradia. Eis o palacete Augusto Montenegro e sua história. Eis o palacete e a morada de novos ocupantes.

Wellington Romário, um maravilhoso *wiado* retirante, toma com autoridade, para si e sua família, o protagonismo da casa. Os invisibilizados da Silva Alves, sua avó, Marapanim, o Guamá, cuscuz com café amargo, segredos, sonhos e mentiras presentificam a memória esquecida da criadagem. Quantos pés, de joelhos, lavados? Quantos desejos imperativos vertidos em seios amoreados? Dalcídio evocado a todo o momento. Mãe Ciana, negra, vendedora de papelotes de cheiro-de-roupa. O porão, o porão e seus códigos próprios. Vida e autonomia que sobem as escadas e veem Belém de onde sempre deveriam estar.

Vem de Contagem, da zona industrial dos Gerais, Randolpho Lamonier. Traz consigo o menino que é pai do homem. Traz os horrores da guerra sofridos pela família de Clarice, Clarice Lispector. Traz a dor e a desesperança do amigo de infância assassinado. O sangue da morte respingado nos pais do amigo; três horas de agonia à espera da ambulância de remoção do corpo sem vida. Mater-Dolorosa-Pietá-Sagrada-Família. O vermelho da vida e da morte. No braço, a cartografia da vinda, da Belém reconhecida. O barco presenteado carinhosamente que singra as águas-veias. A experiência pavorosa do Pronto Socorro Municipal; o odor acre característico dos corpos que sofrem. O assalto, o ladrão, a faca, o Ver-o-Peso. Aqueronte, o barqueiro do Inferno; aquele que o faz pisar fundo na realidade da cidade. O salto quântico traduzido em Epifania, a ampliação da compreensão do estar no mundo; Jurunas e os banheiros infectos. Ele nos outros, os outros nele. Sidarta Gautama e a crueza transformadora do caminho da Iluminação. A não negação do mundo. Traz consigo o menino que diz: ninguém precisou me ensinar a afundar.

Malu Teodoro veio, suave. Etérea presença que transita entre as ramagens da mata e seus cheiros. Unguentos, chás, perfumes. Experiências íntimas compartilhadas com parcimônia e silêncio. A borboleta que passa e anuncia boas conversas. Coisas para comer e se deitar na rede. Tudo é energia e percepção de causa e efeito. O desejo de passado da infância longínqua de Rondônia alinhava sua vinda, sutil. Duas mochilas e fluxo de rio. Coisas, objetos achados, presenteados; elementos constituintes de uma cartografia do afeto. Um mapa do Norte costurado com Patchouli abre a caixinha de costura. O alinhavo é correto, discreto. Há poesia naquilo que se deixa envolver. Fragmentos de imagens. Carícias de apropriação do universo de outras sensibilidades em farfalhar constante das águas, murmúrio gentil. Tudo está em movimento, e se transforma. Cascatas que se embalam como redes de dormir, sonhar e compartilhar.

Débora Flor, Dandara e o Céu. O Céu existe? É terreno? Está na outra margem do rio? Está ao alcance dos olhos, o Céu? A flor, a menina-aparição, o Céu. Ir à busca de si mesma do outro lado do Rio-mar, atravessar a baía do Guará. Conviver com a família de Dandara, bater de casa em casa à procura de materiais que propiciem a construção da imagem é simples mote para o encontro e a vontade de adentrar ainda mais no universo ribeirinho. De lá surge o caderno. Apontamentos tocantes de uma relação que comporta magia, admiração e amizade. O Céu existe? É terreno? Está na outra margem do rio? Está ao alcance dos olhos, o Céu? Sim, existe. Está ao alcance das mãos, e dos olhos.

Muito provavelmente, quando brincam, as crianças não pensam em redimir o mundo. Contudo, sua intelectualidade, como a dos artistas, desestabilizam verdades absolutas. Que não nos encante somente a pureza das crianças. Mas sim, seu desassossego.

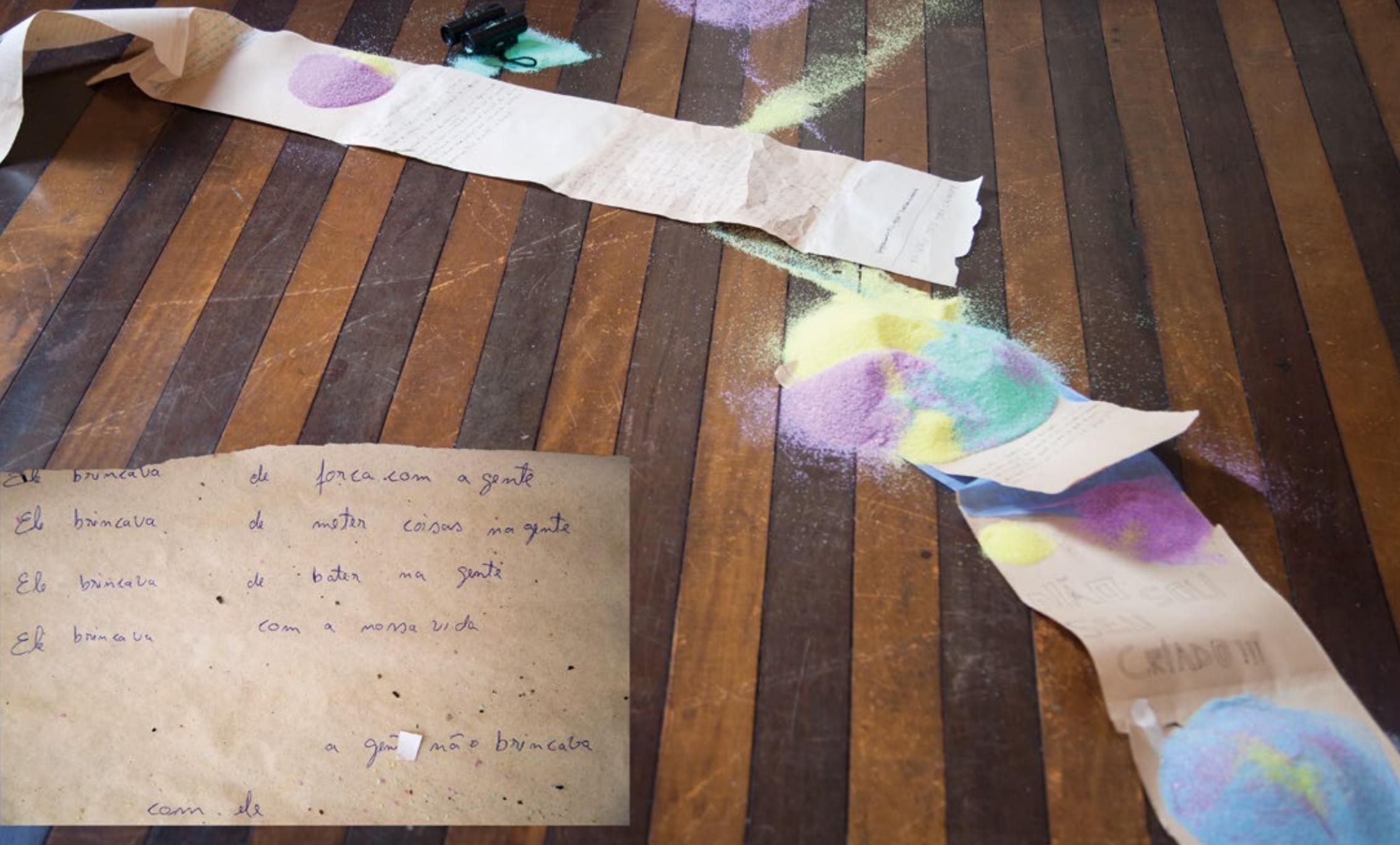
Palacete Augusto Montenegro, 2015

Armando Queiroz e Alexandre Sequeira





Ele brincava de força com a gente
Ele brincava de meter coisas na gente
Ele brincava de bater na gente
Ele brincava com a nossa vida
a gente não brincava
com ele



debaixo de laranjal

E in f.

Não há aqui tentativa de falar alguma coisa importante e suficiente para ser lembrada.

Pego que você e seu círculo se abracem

Estou longe de qualquer sentimento de pena, mas também não há paciência e tão pouco espaço e "divino" estômago para ouvir seu fingimento

hahahaha...

Saiu deste lugar que
finge ser de todos ou mesmo
ter intimidade.

~ SO MOS TODOS UM !

CERTIFICO QUE O CRIADO COMPARCEU AO

ARMAZEM E LEVOU 6 LITROS DE CACHAGA
UM PUNHADO DE TABACO 3(três) PÃES E UM
LIEBRA QUBIXO. SOLICITANDO POR NAO CONTO DO
Sr. MALCHER. PEGO QUE O dr. ou ALGUEM DE
PALAVRA, POSSA ME RETORNAR COM ASSINATURA
CONFIRMANDO O MANDO. Pois o DITO QUE VEIO
APARENTAVA VICIO E É DE PELE ESCURA.

~~DEMISSÃO POR JUSTA CAUSA~~

EV NÃO SOU SEU CRIADO!

Mingueira
VIAJOU
NAQUELE
VERÃO



cadeira intocável do sr. don cupim

criado! não sou seu criado
RIADO! N SOU SEU criado

não sou seu criado

so non seu criado



01



02



04



13



15



03



08

14



10



16



06



04



05



09



12

ACERVO PESSOAL

Mão seu seu criado!

- 01 espelho usado pelos trabalhadores da reforma deste museu.
- 02 Lembrança do bombom de manganço que chapeei com o Segurança.
- 03 Óculos q o pedreiro por quem me apaixonei usava.
- 04 Tesoura q minha vó ganhou com 15 anos p/ aprender a costurar e assim, libertando-se dos "Patrões".
- 05 conjunto de chá que fona atirado Pela família em briga de Patrões. Restando apenas essas peças.
- 06- O dia em que minha família foi a praia ou o dia que a criadagem foi à praia.

- 07- última tampa das 32 catuabas daquela moita.
- 08- Pedra q fona arremegada pela amante da Esposa do Governador José malchon
- 09- chaves do cofre, e porão.
- 10 - fósforo usado para acender vela à ~~respiração~~
- 12 almofada em q Augusto Monte-negro assentava seu Pé p/ os criados darem um trato.
- 13 conta do colar da mãe Preta.
- 14- dente de ouro que voltou pra boca.
- 15- houve aquele dia em que tinha somente essa moeda e atravessou o rio
- 16- cavalinho azul.



ILHA DO
MARAJÓ

LIVRO DOS SONHOS

DANDARA Flor

IVANILZA Douglas

EVANIL Jonhy

CATITA Samara



Vim do Céu com três meses. Hoje moro na vila do Pesqueiro com minha mãe Ivanil e com o papai Catita e com meu irmão Douglas. Daqui vejo o Céu, minha terra.



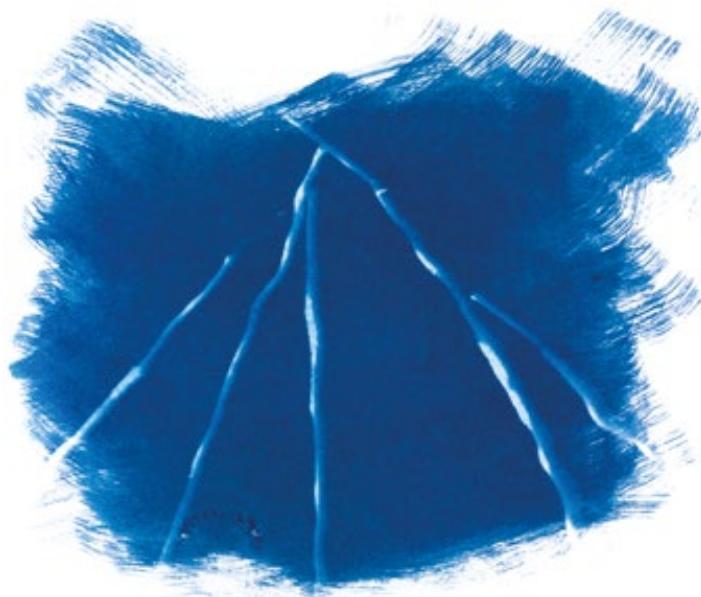
O Didi estava tomando banho e viu uma mulher de branco. Ela sumiu, e o chão pegou fogo no capim e no cajueiro, e o fogo apagou. O Didi foi lá e não viu nenhuma cinza. Dizem que o cajueiro nasceu de um caixão.



Um dia haverá uma enchente de escuridão.
As árvores vão cair, as casas vão andar pra trás,
as águas e a terra vão cobrir a mata, e o chão vai
tremer com a força do vento.



Um dia uma mulher estava jogando praga para seu marido e ele mandou o Catita ir buscar ela lá no Céu. No caminho, pisou em uma poça escura e nela tinha uma arraia que ferrou ele. O pé dele ficou muito inchado, com febre e dor.



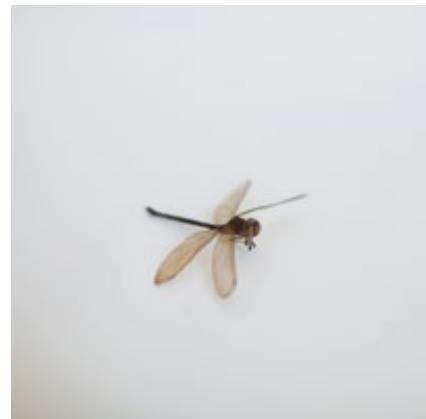
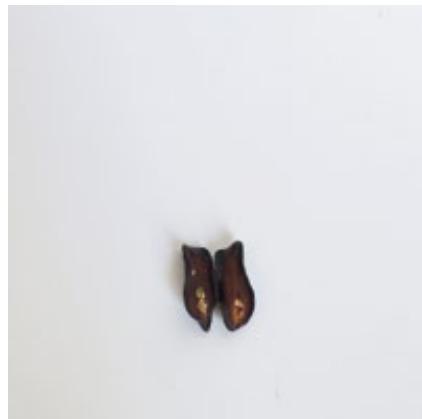
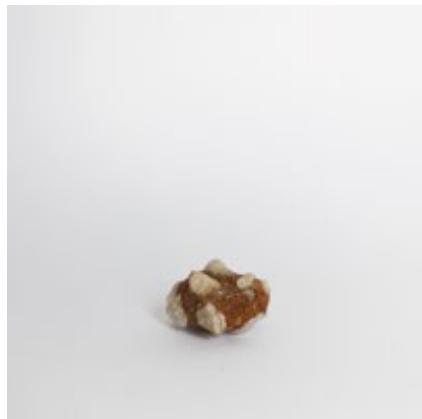
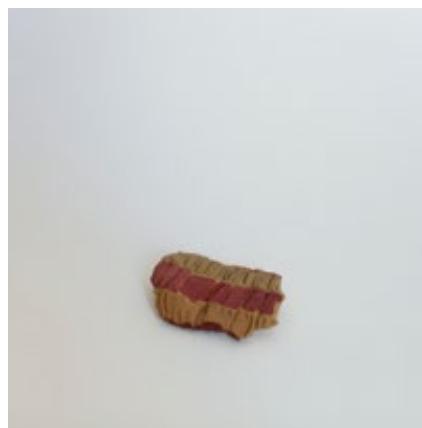
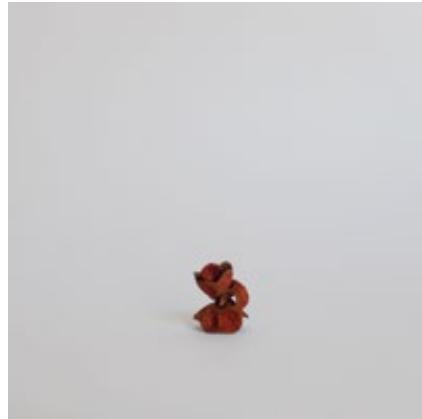
Hoje fomos entrar no mangue para encontrar flores. No meio do caminho, eu ouvi a voz de Oxum dizendo: vão e tragam o teu pai que ele vai proteger vocês.



Toda noite a estrela cadente aparece aqui no céu da vila. Sempre devemos fazer um pedido. Se uma estrela cai na maré, ela vira uma estrela do mar.



Estava andando na praia, achei uma poça em forma de coração. Dizem que as sereias fazem isso quando a maré lança para deixar a praia bonita e encantar os pescadores. Tem uma sereia que se chama Iara, se arrancar um fio de cabelo dela o mundo se parte no meio.

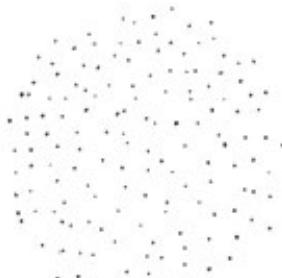




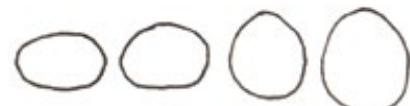
1) Já em Cotijuba a Vera enrolou a argila do chão com a mão, então nós andávamos lá por perto do mangue, fava escurecendo e a noite do dia estava mágica, foi a primeira vez nesse tempo todo em Belém que senti vontade de fotografar, e fotografei bastante; e apareceu aquele tronco na água que mais parece a um pássaro voando na vertical. (...) Um amigo me deu um espinho de borboleta para eu limpar, abriu, uma feridinha no pé, que parecia roba ou própolis lá dentro pra ajudar na cicatrização. Sempre tenho algo no pé, dizem que é o regente do meu ascendente em peixes... dai eu guardava o espinho que eu usava pra ajudar meu pé dentro da bolinha de argila da Vera. Meu pé curou.

12) O Randolpho numa viagem encontrou uma libélula morta, e era libélulas têm, mas essa tinha. Alguns dias depois, na porta de casa nunca soube se era a mesma libélula. ela habitou o meu vador por tanta gente. Fiz dela, com ela, um cionótipo. Depois coloquei ela dentro de uma caixa de chocolates que o Miguel trouxe por tempo. até me esqueci dela. Certo dia enquanto nós estávamos morando no museu ela apareceu lá, dentro da sua casa caixa. Na montagem da exposição eu testei jogar todos os objetos de apego (aquele tecido branco) como forma de me libertar delas, oferecendo-las ao rio simbólico. Não só jogar mas pregá-las, costurá-las, não gostei do resultado, ficou pesado. Resultou que apenas a libélula ficou lá em cima, no alto, no ar, e todos os objetos foram para o fundo do rio. Sobre se desapegar das histórias que a gente vive e cria e inventa pra vida ter sentido...

a história da minha passagem por Belém contada pelos objetos que me apreenderam. como representar, no entanto, Matinta? o museu que sabe que não se basta. o colecionador que já começa sua jornada sabendo de sua falha, de sua missão impossível.



O que não usa
mofa



NAFTALINAS
contra baratas e
umidades.



Pripioca
Patchouli
Cheirinho do Pará

pripioca

me encanta que seja uma batata. e a lenda do homem cheiroso que deixava doidas as mulheres, e que sumiu e virou pripioca.

patchouli

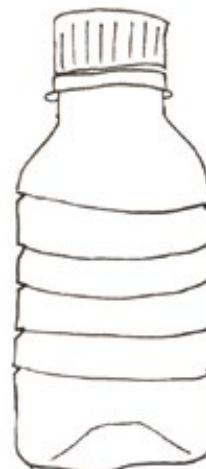
raiz bonita seca amarela doirada, quando cheirada produz efeito tranquilizante, produz sensações mágicas, nos transporta à floresta molhada depois da chuva, quando todos os cheiros são mais fortes, e todo o estado de espírito que essa experiência provoca. aconselho uso no travesseiro e patuá. é bom passar nas costas, no alto da coluna, para proteção.



Leite de Amapá

leite de Amapá

uma calda branca que sai da árvore de mesmo nome. nunca vi a árvore, apenas a garrafinha com o líquido à venda no mercado. tem um gosto que não me permite traçar comparações. diz fazer bem para o sistema digestivo, tomar uma colher pela manhã. faz parte do "elixir amazônico contra todos os males do mundo".



ANDIROBA
repelente, cicatrizante, virou desodorante

andiroba

é ouro líquido.

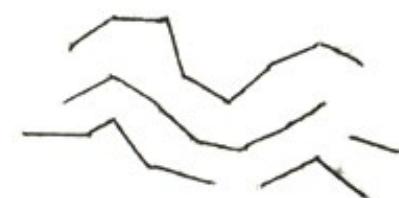
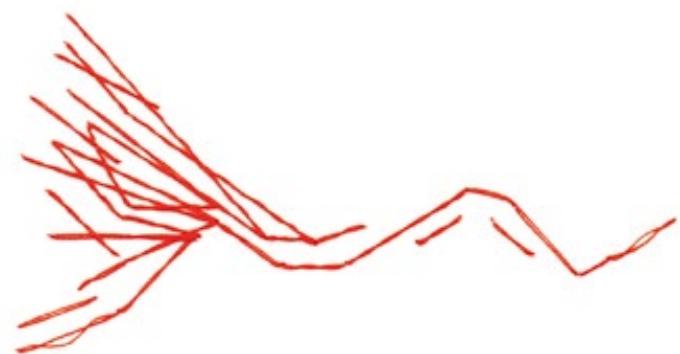
é uma semente que cai da árvore dentro de um ouriço, onde todas as sementes estão acomodadas. é uma semente que quando colocada na mão, traz uma sensação de acolhimento. um dia no igarapé carreguei essa semente na mão por um lapso de tempo que me levou a um lugar encantado, não sei se dentro ou fora. é uma semente mágica, e dela, para algumas pessoas escolhidas, sai um líquido viscoso cor de ouro que serve de repelente, cicatrizante. junto a outros materiais, eu a transformei em desodorante.


maré

MINHA
REDE
MAR

lancha

cor
do
CÉU



NINGUÉM PRECISOU
ME EXSINAR
A AFUNDAR



KODAK 160N

KODAK

NO RIO FENOMENAL
KEI IARAI
E ME
ENTREGUEI
A ELA COM
OFERENDA

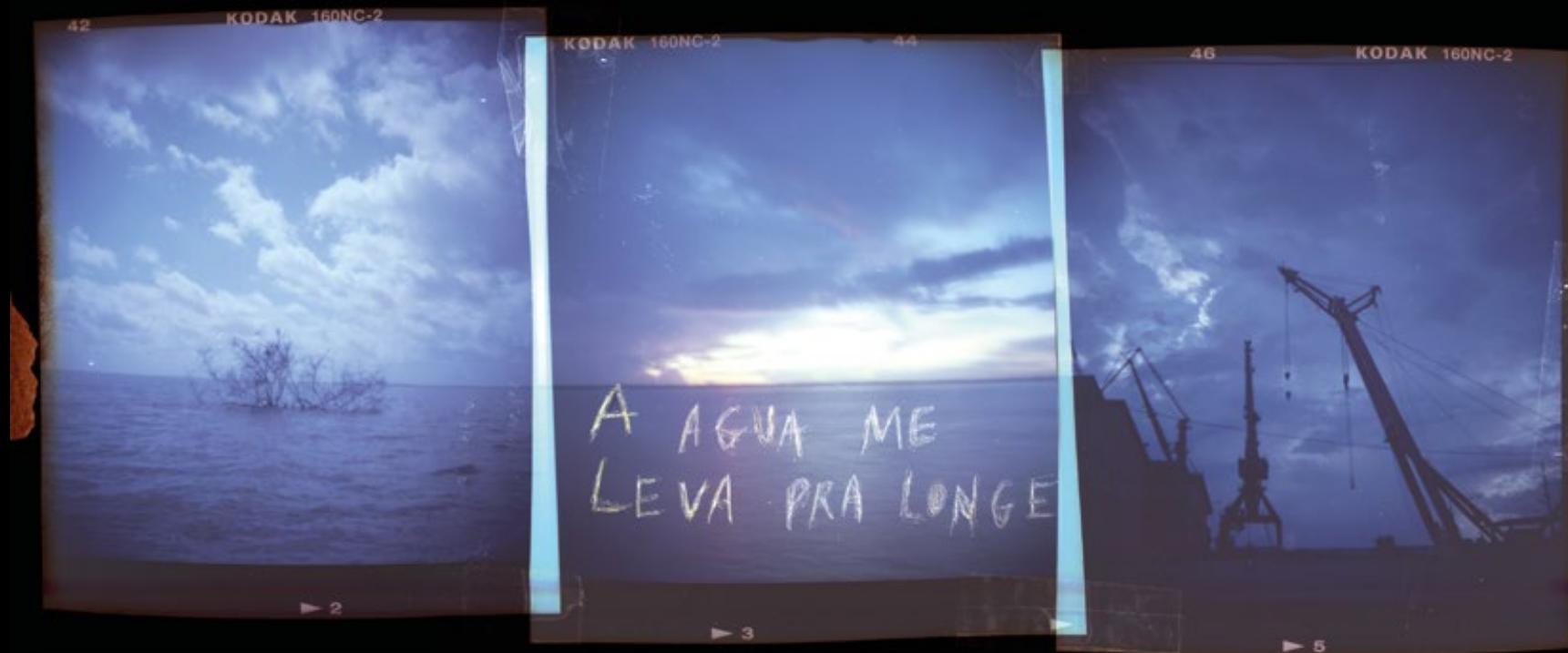
52

KODAK 160NC-2

53



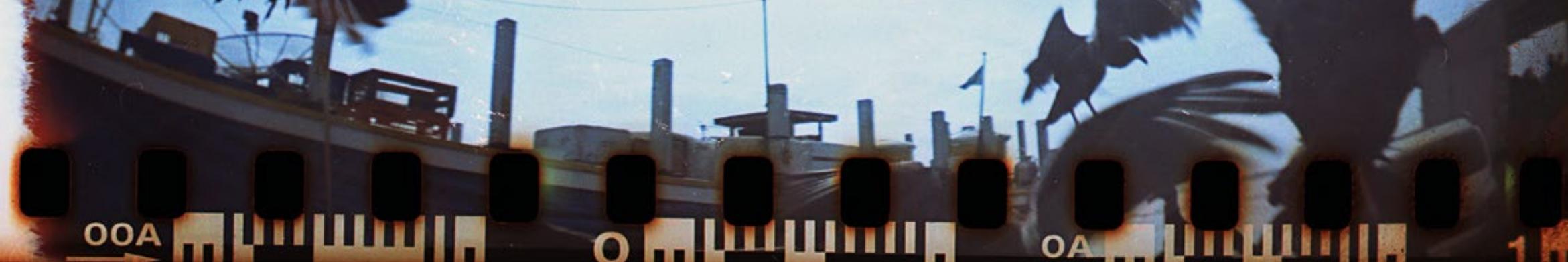
► 10 ►



PRO 100

O

1

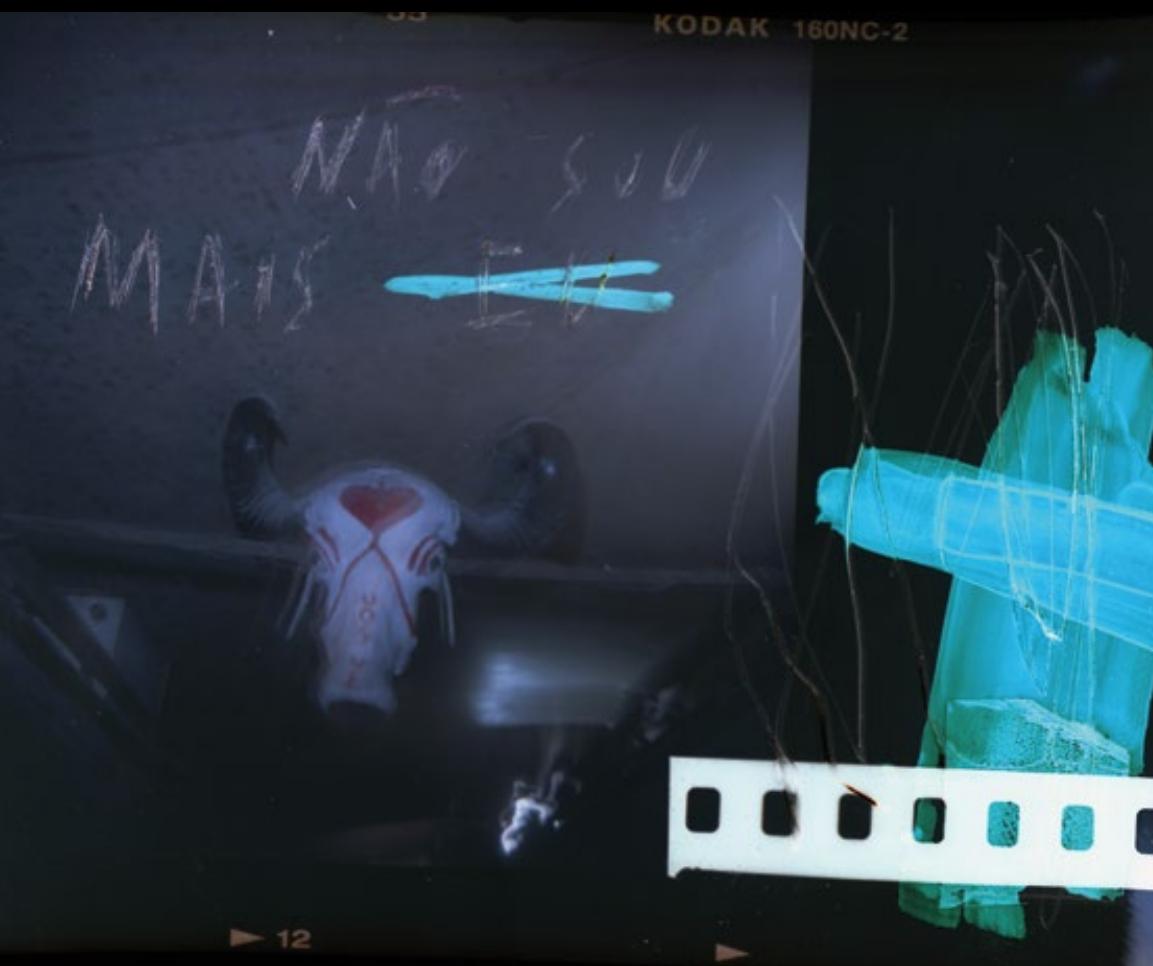


OOA

OA

1

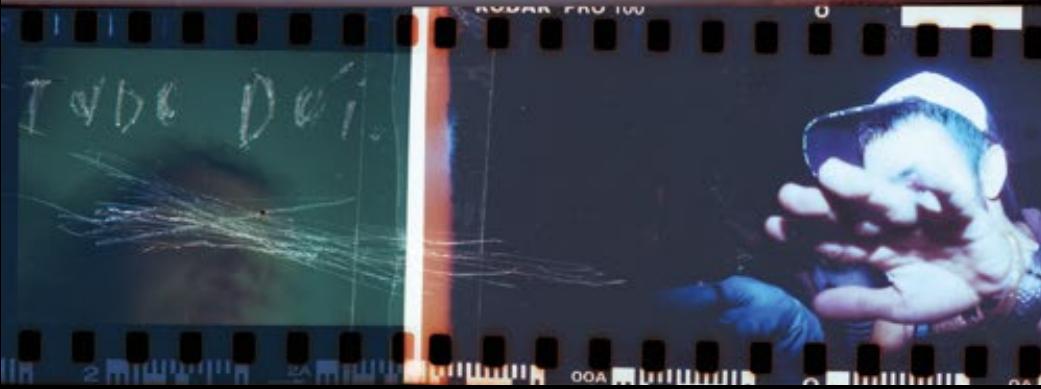




AHOR QUE
JA' ME PERDI
COMPLETO, E EP



XO LUGAR VERMELHO
ECONHECO MED CHEI
SIGO VIVO E BEN





caderno de notas: palavras do educativo

por Adriele Silva da Silva

...

Viver de experiências e con[t-atos], buscar em si e no outro afetos. Dizer ao mesmo tempo de amor, de dor e de encantamento. Lembrei de palavras que dizem que:

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

*Palavras que me aceitam como
sou - eu não aceito.*

*Não agüento ser apenas um
sujeito que abre*

*portas, que puxa válvulas,
que olha o relógio, que*

*compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora,*

*que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.*

Perdoai

Mas eu preciso ser Outros.

*Eu penso renovar o homem
usando borboletas.*

Manoel de BARROS. *Retrato do Artista Quando Coisa [1998]*. In: *Poesia Completa*. São Paulo, Leya, p.357.

Borboletas, borboletas, borboletas... ecoam as visões da minha lembrança. Foram tantas as que nos acompanharam ao longo dos dias. Seja no fundo do quintal, no sítio, na beira dos igarapés, no navegar entre ilhas. Então navegamos buscando anotar, observar, compartilhar, mas também propor juntos cada ação. Pois reverbera no outro muito daquilo que eu mesma decido, e não se trata de um jogo de poder, mas de pensar-se, crer-se, colocar-se como um pequeno ponto (ou mesmo linha) de uma delicada e complexa teia, em que juntos sentimos o vento, a chuva, o puxão de uma mão que não nos aceita a vista.

Dentro da proposta educativa desta residência, desenvolvemos duas etapas distintas, mas alinhadas entre si pelo voar das borboletas.

A primeira etapa consistia no apoio pedagógico e de produção das propostas de cada um dos quatro artistas residentes do projeto.



Primeira reunião do educativo, na sede provisória da Fotoativa

Tivemos, assim, Débora Flor que desenvolveu uma atividade direcionada a crianças do Porto do Sal. Ela e a equipe de apoio enfrentaram as diferentes realidades e ilusões da margem. Margem como lugar de rasgos e riquezas, pois, depois da passagem de cada maré grande, o solo úmido fica repleto de novas vidas vindas da imensidão das águas barrentas. Água é forte/fonte.

Em uma roda de conversa, podemos debater o que significa ouvir. Chegando a um acordo ou não, primeiro podemos nos permitir ouvir nossa própria respiração, depois os sons humanos próximos, e então os sons da natureza/cidade. Fechamos os olhos e desenhamos o movimento de cada um desses sons. O que vamos fazer com eles agora? Exibir? Mas o que esses sons transformados em linhas podem nos dizer? Todos dizem a mesma coisa?

Estado líquido de ser, assim fomos percebendo Malu Teodoro que nos propôs “Olhar Devagar”. Rodas de conversa para compartilhar histórias de vida e de morte. O quadrado fiandeiro cheio de histórias de amor, encantarias, minhas e tuas. E em Colares nos encontramos entre nossos silêncios de palavras e gritos de corpo. O banho, o pão, o fogo. Queimamos desejos e anseios. Lavamos tensões enquanto “capitão do mato” dizia suas boas vindas com seu olhar cuidadoso.

O terceiro elemento, Randolpho Lamonier. Suas/nossas cidades, derivas, identidades, políticas e afetos. Menino de fala/olhar firme. Confiante de seu trabalho com o outro. Lugar de respiro mesmo em meio à doença. O corpo febril, o olhar vermelho e baixo, a voz. CUIDADO! Perigo de se apaixonar pelo pai, o avô, a luz amarela da infância, o lugar. Peito aberto/exposto no traço negro de uma tinta gravada às cegas. Quantas imagens temos guardadas em câmeras feitas pelas próprias mãos? Que tal pintar veias com tinta guache no próprio corpo?

Poesia gravada no corpo, Romário Alves. Qual seria o sabor do seu sonho? Romário nos convidou a conhecer um pedaço do seu próprio sonho diário, o fundo do quintal, as histórias de sua avó, a beleza de sua mãe. Receber, exercício generoso. Jogamos no bicho quando falamos de sonhos. Ou mesmo tivemos medo daquilo que nós mesmos cultivamos quase como pesadelo (somos nós).

*Viver às avessas! Alice repetiu em grande assombro. Nunca ouvi falar de tal coisa!
...Mas há uma grande vantagem nisso: nossa memória funciona nos dois sentidos.
Tenho certeza de que a minha só funciona em um, Alice observou. Não posso lembrar
coisas antes que elas aconteçam.
É uma mísera memória, essa sua, que só funciona para trás, a rainha observou.*

Lewis CAROLL. Alice – Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho e o que Alice encontrou por lá. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Para trás fica cada uma dessas experiências, para frente imaginamos o futuro como possibilidade de contaminados multiplicarmos, proliferarmos, pro-cri/a[r]mos. Seremos menos míseros com isso?

Encontramos aqui a segunda etapa da proposta educativa do projeto **Fotoativa em Residência** que consiste no trabalho a partir da exposição “Um tanto de nós”. Entender as redes lançadas no projeto como um todo, as conexões institucionais e poéticas é parte do trabalho para então se chegar à leitura de cada um dos trabalhos expostos a fim de compartilhá-los.

Flor. Menina que aponta o horizonte. O que será que tem lá? A liberdade de ter em abundância sol e sal a fez transcrever muitas coisas em ferro. Mas também em som, em sonho. Vamos costurar um livro com diferentes tipos de papéis e tecidos? Que tal usá-lo em duplas? Aqui vale experimentar escrever sobre poesia... ou qualquer coisa.

Malu. Amor. Mar. Rio. Oferenda gravada em linha e furada com agulha. Mergulho. Coleciono afetos. Mentalizo o outro em mim. Ilusão. Vamos parar e olhar a chuva? Porque eu tenho sono quando chove? Experimentar o abrigo. Experimentar o banho. Experimentar!

Randolpho. Corpo. Mutilação. Marca. Gravura. Iara encantada. Noite. Umidade. Calor. Tem um barco que navega por entre veias. Tem um mapa contido em cada uma das mãos ou pés ou peito ou sexo ou colo ou EU.MAPA.

Romário. Colecionador de memórias. A casa. Os óculos. O botão. Uma carta. Muitas cartas. Tudo história vivida de um tempo entre ontem, agora e amanhã. Vamos conversar sobre memória? Que tal escrever para alguém do nosso passado ou futuro?

Assim, alguns medos e algumas ansiedades. Tudo acompanha essa tênue caminhada de simplesmente existir. De alguns amores teremos apenas a incidência. De outros ainda ficaremos apenas com o silêncio.



RESIDENTES

Débora Flor. 1991, Belém/PA. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Multimídia pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia, começou a fotografar em 2005 quando entrou na Fundação Curro Velho, passando por oficinas de serigrafia, desenho e xilogravura para entender e apurar o olhar através das técnicas de formação da imagem. A fotografia, permeada por processos alternativos e experimentação em diferentes suportes, desdobra-se em sua poética como dispositivo de relações e encontros, se faz presente nas imagens como sujeito que ouve, silencia, sente e traz a figura humana para seu mundo particular.

Malu Teodoro. 1986, Porto Velho/ RO. Tem formação em Comunicação e Multimeios pela Pontifício Universidade Católica de São Paulo (2008), participou do Seminário de Fotografia Contemporânea no Centro de la Imagen, México DF, onde realizou o projeto "Contigo quero dividir minha solidão", uma série de vídeos-postais. Em seu trabalho, transita sobretneto entre o vídeo e a fotografia, e mais recentemente investe na construção de cadernos enquanto suporte-abrigo para a palavra, linha condutora de toda a sua poética.

Randolpho Lamoniér. 1988, Coronel Fabriciano/MG. Graduado em Artes Visuais na Escola de Belas Artes da UFMG, vive e trabalha em Belo Horizonte. Para além da vida na metrópole, tratada de forma instável e intensa em registros imediatos do cotidiano, o artista centra suas investigações na construção da subjetividade nos contextos circunscritos por duas cidades industriais, Coronel Fabriciano onde nasceu e Contagem onde cresceu. Esses dois momentos articulam-se através de processos experimentais múltiplos em fotografia, vídeo, instalação e artes plásticas, expondo uma dialética entre centro e periferia, ambientes urbanos pulsantes e paisagens industriais desoladoras, que se inscrevem na experiência de seu próprio corpo e no tempo narrativo de sua biografia.

Wellington Romário. 1989, Belém/PA. Performer graduado

em Artes Visuais pelo Instituto de Ciências da Arte da UFPA, em suas pesquisas poéticas, borra fronteiras de cotidianos comuns com os cotidianos da arte, nomeando de deslizamento. Deslizar é in-preciso. Trabalha como costureiro com sua avó, pensa e experimenta o texto como corpo-objeto de sensações múltiplas, veículo importante nas imagens que manipula, sampleia e acessa de arquivos públicos e internet. Organiza encontros casuais montando espaços de convívio para trocas de ideias, afetos e fricções.

ACOMPANHAMENTO CURATORIAL

Alexandre Sequeira. 1961, Belém/PA. Artista plástico e fotógrafo, é Mestre em Arte e Tecnologia pela UFMG e professor do Instituto de Ciências da Arte da UFPA. Desenvolve trabalhos que estabelecem relações entre fotografia e alteridade social, tendo participado de inúmeros encontros de fotografia, seminários e exposições no Brasil e no exterior.

Armando Queiroz. 1968, Belém/PA. Formado em Artes Visuais pelo Instituto de Ciências da Arte da UFPA, sua produção artística abrange desde objetos diminutos até obras em grande escala e intervenções urbanas. Detém-se conceitualmente às questões sociais, políticas, patrimoniais e às questões relacionadas à arte e à vida. Cria a partir de observações do cotidiano das ruas, apropriar-se de objetos populares de várias procedências, tendo como referências bases a cidade e o Outro.

ARTISTAS CONVIDADOS

Cláudia Leão. 1967, Belém/PA. Pesquisador, fotógrafa e artista visual, tem doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP e é professora do Instituto de Ciências da Arte da UFPA. Suas pesquisas giram entorno de vínculos afetivos, ontogêneses da imagem, esquecimento, saudade e a paisagem como ambiente de entrelaçamento.

Marcilio Costa. 1977, Marabá/PA. Poeta e artista visual, é autor dos livros de poesia *Celina...* (2010) e *Depois da sede* (2013). Em 2010, foi contemplado com a bolsa

FUNARTE de criação literária com o projeto "Todas as ruas", uma extensa pesquisa poética sobre as 39 ilhas que constituem Belém/PA. Escreveu o roteiro e co-dirigiu o curta metragem *Muragens - crônicas de um muro* (IAP-2009) e escreveu, produziu e dirigiu o curta experimental *Pedaços de Pássaros* (Minc - 2013). Em 2015, realizou a individual "Entre o rumor e o silêncio", na Galeria Theodoro Braga, em Belém do Pará.

Nando Lima. 1963, Belém/PA. Cenógrafo, performer, e diretor teatral, fundou o Estúdio Reator (2010), espaço voltado para a experimentação artística em Belém. Atualmente, é diretor do Departamento de Artes Cênicas da SECULT, Secretaria de Cultura do Estado do Pará, cargo que ocupou entre 2004 e 2006 e que retomou em 2011.

Paula Sampaio. 1965, Belo Horizonte/MG. Vive e trabalha em Belém. Quando criança, veio com sua família para a Amazônia e, mais tarde, escolheu Belém para viver e trabalhar. Começou a fotografar profissionalmente em 1987 e optou pelo fotojornalismo. Desde 1990, documenta processos de migração, colonização na Amazônia a partir do cotidiano de comunidades que vivem às margens de grandes projetos e estradas, principalmente nas rodovias Belém – Brasília e Transamazônica, com especial interesse nas memórias orais e no patrimônio imaterial das comunidades.

Véronique Isabelle. 1983, Québec, Canadá. Vive e trabalha em Belém/PA. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Laval (Quebec) e pela Escola Superior de Belas Artes de Marselha (França), é mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará, onde atualmente desenvolve seu doutorado também em Antropologia. Sua pesquisa poética é voltada para a pintura, a gravura e a instalação. A continuação do seu trabalho em um campo de pesquisa em contato direto com a realidade a levou à antropologia que aborda de maneira complementar à sua prática artística.

Waldo Squash e Marcos Maderito começam a trabalhar juntos em 2008, como um duo, para tocar em festas de aparelhagem

pela cidade de Belém/PA. Pouco tempo depois, convidam William Love, que já havia participado de várias bandas de eletromelody, e Keila Gentil, integrando uma voz feminina ao grupo. Com os quatro integrantes, passam a publicar algumas músicas na internet. Em 2012, ganham o Prêmio Multishow na categoria Revelação. Em 2013, lançam seu primeiro álbum, "Gang do Eletro", com todas as músicas mixadas, gravadas, produzidas e masterizadas por Waldo Squash, que tem influência de nomes como Daft Punk e Kraftwerk e traz em suas bases o dance europeu, a cumbia, o carimbó, o reggaeton e o tecno-brega, entre outros ritmos.

EQUIPE FOTOATIVA

Adrielle Silva da Silva. 1987, Belém/PA. É graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará (2008), é mestranda em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, na mesma instituição. Atualmente, coordena a Sorella Conteúdo, marca voltada para conteúdos e pautas artísticas, culturais, históricas e sociais do Pará.

Ionaldo Rodrigues. Sociólogo e fotógrafo, vive e trabalha em Belém do Pará. Tem graduação em Ciências Sociais pela UFPA (2008). Foi coordenador do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Associação Fotoativa (2009-2015), organizou as primeiras edições do projeto Café Fotográfico, e a 9º edição do Colóquio Fotografia e Imagem. É técnico da Fundação Curro Velho atuando nos projetos educacionais da gerência de Artes Visuais e na Comunicação da instituição.

Camila Fialho. 1980, Porto Alegre/RS. Formada em Letras (2005) e Mestre em Literatura Francesa (2009) pela UFRGS, tem especialização em Práticas Curatoriais e Gestão Cultural pela Faculdade Santa Marcelina/SP (2012). Desde o início de 2014, vive e trabalha em Belém/PA como pesquisadora e curadora independente. Colaboradora da Associação Fotoativa, nas áreas de produção e desenvolvimento de projetos culturais, atualmente coordena o Núcleo de Pesquisa e Documentação da instituição e o projeto Fotoativa em Residência: dois de cá, dois de lá.

Cinthya Marques. 1987, Macapá/AP. Fotógrafa e artista visual, tem

mestrado em Artes pelo Instituto de Ciências da Arte/PPGARTES (2015), bacharelado e licenciada em Artes Visuais (2012/2013) pela Universidade Federal do Pará. Atua como educadora em diversas atividades em parceria com o Núcleo de Formação e Experimentação (NFE) e o grupo de estudos Pedagogia da Luz. Desde 2012, é coordenadora do projeto Pinhole Day Belém. Em 2014, desenvolveu o projeto Lab. Círio: Laboratório de Criação em Narrativas Visuais, culminando na exposição "Instâncias da Luz" realizada na galeria Fidanza - Museu de Arte Sacra. Desenvolve projetos de pesquisa com ênfase em processos de atuação em artes, em criação e crítica.

Dominik Giusti. Jornalista graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Pará (2008), é mestranda em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, na mesma instituição. Atualmente, coordena a Sorella Conteúdo, marca voltada para conteúdos e pautas artísticas, culturais, históricas e sociais do Pará.

Allan Maués. 1987, Belém/PA. Formado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Pará. Participou de algumas mostras, dentre elas, Salão Primeiros Passos do CCBEU (2011) e da exposição "Paisagem em (des)construção". Colaborador da Associação Fotoativa desde 2011, entre outras atividades, atua junto do Núcleo de Experimentação e Formação.

Irene Almeida. Vive e trabalha em Belém/PA. Graduada no Curso de Pedagogia pela UEPA (1998) e Produção Publicitária - FAZ Faculdade da Amazônia (2007). Iniciou seus estudos no campo da fotografia em 1996, em oficinas da Fundação Curro Velho e posteriormente da Fotoativa. Hoje colabora em ambas instituições como instrutora de oficinas de Câmera Obscura, Fotografia Artesanal e Brinquedos Ópticos. Junto da Fototativa, atua no Núcleo de Pesquisa e Documentação sobretudo no desenvolvimento dos projetos Colóquio de Fotografia e Imagem e Café Fotográfico, atualmente

na coordenação. Desde 2010, é produtora do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, sendo desde 2014 também assistente de curadoria. Participou de diversas exposições individuais e coletivas, dentre as quais mais recente, A Arte da Lembrança – a saudade na fotografia Brasileira, no Itaú Cultural/ SP (2015).

Jeyson Martins. 1985, Belém/PA. Graduado em Publicidade e Propaganda pelo Instituto de Letras e Comunicação da UFPA, concilia a prática e a reflexão sobre a estética contemporânea e suas vertentes urbanas. Desde 2011, realiza atividades compartilhando a experiência da fotografia artesanal com crianças e jovens de bairros periféricos de Belém, juntamente com uma produção autoral, a partir da qual pesquisa e experimenta formas híbridas do "olhar" a partir do graffiti e da fotografia, buscando harmonizar técnicas artesanais com as digitais tendo a cidade e todo o emaranhado de signos e significações na existente como tema principal.

José Viana. 1988, Belém/PA. Graduado em Comunicação Social, estudou artes visuais no Instituto Nacional del Arte, em Buenos Aires, Argentina. Atua na interface entre gestão cultural, produção poética, educação e comunicação. Coordena o Núcleo de Comunicação e Difusão da Fotoativa, desde 2014. É colaborador da Rede Brasileira de Arteducadores. Desde 2009, já exibiu seu trabalho em cidades do Brasil, Argentina e País de Gales. Em sua investigação poética, utiliza a fotografia como linguagem principal e atualmente, experimenta materiais sem valor na construção de esculturas e instalações.

Rodrigo José. 1988, Belém/PA. Com formação superior em Comunicação Social pela Universidade da Amazônia, desenvolve trabalhos voltados para fotografia documental. Colaborador da Associação Fotoativa, atua também como oficineiro de Iniciação à Fotografia do SESC Boulevard. Participou de algumas mostras, dentre elas, Salão Primeiros Passos do CCBEU (2010/2013) e Prêmio Diário Contemporâneo onde integra a mostra "Pequenas cartografias (e duas performances)".

Fotoativa em Residência - dois de cá, dois de lá

Associação Fotoativa

artistas residentes

Débora Flor (PA)
Malu Teodoro (RO)
Randolpho Lamonier (MG)
Wellington Romário (PA)

acompanhamento curatorial

Alexandre Sequeira
Armando Queiroz

artistas convidados

Cláudia Leão
Marcílio Costa
Nando Lima
Paula Sampaio
Véronique Isabelle
Waldo Squash & Marcos Maderito

coordenação

Camila Fialho

produção

Irene Almeida

comunicação

José Viana

educativo

Adriele Silva da Silva

articulação conselho curador e convidados

Ionaldo Rodrigues

assistentes pedagógicos

Allan Maués
Cinthya Marques

memória fotográfica e audiovisual

Allan Maués
Jeyson Rodrigues
Rodrigo José

assessoria de imprensa

Dominik Giusti

financeiro

Fatinha Silva
Wagner Okasaki

presidência

Michel Pinho

diretoria financeira

Fatinha Silva

diretoria administrativa

Miguel Chikaoka

conselho fiscal

Eduardo Kalif
Octávio Cardoso
Rafael Araújo

secretaria

Sandra Machado

núcleo de pesquisa e documentação

Camila Fialho

núcleo de formação e experimentação

Adriele Silva da Silva

núcleo de comunicação e difusão

José Viana

agradecimentos

Alexandre Sequeira e Armando Queiroz
Armando Sobral e Atelier do Porto
Augusto Henrique
Família Jutuba e Jamaci
Bruno Lopes e Raony Miccione
Carmen Palheta
Dinho do Porto do Sal
Eduardo Kalif e Equipe do Sítio Urutai
Fatinha Silva
Josianne Dias
Jussara Derenji
Maria Alves e Rosana Alves
Makiko Akao
Mariano Klautau Filho e Val Sampaio
Professor Luis e Pousada Praia Funda
Rede ENNEFOTO

apoio cultural

Kamara Kó Galeria
Museu da Universidade Federal do Pará
Imprensa Oficial do Estado do Pará

viver ou narrar

publicação do projeto **Fotoativa em Residência - dois de cá, dois de lá**

imagens, poemas e relatos

Débora Flor

3,29,58-59,60-61,62-63,64-65,80,90-91,92-93,106,107,108,109,110,111

Malu Teodoro

1,14-15,24-25,68,71,82-83,84,94-95,112-113,114,115-116,117,118-119,136,137,138-139

Randolpho Lamonier

6-7,35,52,72-73,74-75,120-121,122-123,124-125,126-127,128,129,130,131,132-133,134-135

Wellington Romário

4-5,26-27,36-37,38,50-51,77,86,94-95,96-97,98-99,100-101,102-103,104-105

Adriele Silva da Silva

44-45

Allan Maués

28,30-31,32-33,53,54-55,57,86,87,137

Brenda Taketa

56-57

Camila Fialho

12-13,22-23,47,79

Caroline Maciel

43

Cinthya Marques

78,80-81

Claudia Leão

69

Ionaldo Rodrigues

11

Irene Almeida

47,52,53,56,86,87

Jeysom Martins

22-23

José Viana

4-5,46,47,48-49,86,87,96,97,98,99,100,101

Marise Maués

47

Miguel Chikaoka

34,48

Rodrigo José

17,19,20-21,40-41,42-43,44-45,53,66,67,86,87

Véronique Isabelle

86,91

textos

Caderno de notas: palavras do educativo
Adriele Silva da Silva
136-138

Um tanto de nós

Armando Queiroz & Alexandre Sequeira
88-89

Sobre viagens, processos de criação e cozinhar

Cláudia Leão

68-71

concepção, projeto gráfico, texto e revisão

Camila Fialho e José Viana

contribuição editorial

Débora Flor

Irene Almeida

Malu Teodoro

impressão

Imprensa Oficial do Estado do Pará

tiragem

500 unidades

realização



apoio cultural



apoio



Este projeto foi contemplado pelo Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais - 11ª Edição.

